Cartas Proibidas

MARA ROMARO

V0 R04 – 07 dez 2021 - Revisão - Edição comemorativa 55 anos. Todos os direitos estão reservados.

Cartas Proibidas

Atibaia, 24 de Agosto de 2017. Cartão Postal do Quintal

"Quanta saudade, querida, antes de mais nada, eu era nada mais do que uma semente de mim mesma, os horizontes podem mudar, seja com o vento, a chuva, a altura da subida ao ar, mas sou eu mesma, ainda, que contém aquilo que minha promessa sempre professou. Depende se quer um broto verde, uma flor de primavera ou o fruto. Ainda sou eu. O que as folhas de outono dizem, sempre serão. Apenas aceite ar verde. Aceite o que semeou." - Mara

MARA ROMARO

Sumário

Cartas Proibidas 1
Mergulho em águas rasas 5
Tudo ficará bem 6
Lettera ritorno alla Mamma 10
Não 11
Gesto de Amor 13
Nota (se) (de)(s) Falecimento 17
Café amigo 20
Uma resposta de carta 21
Carta do Aquém 22
Sangre 24
Escrevo 26
Ida 27
Essência de Perfume 29
Águas Profundas 31
Não ter mãe 32
Nosso par 34
Realejo de Insônia 35
Invasão 37
A meu irmão, Ricardo 40
Noite de amor 41
Um desejo 42
Carta Azul 43
Onde está você 45
As falhas do tear 47
Caixa de Madeira e Veludo para Guardar Amor 49
Diadema 51
Carta do amanhecer 53
Mãe em Orvalho 54
Aftas da Solidão 58
Brilhos eternos de Bowie 62
Mérito à Jeanette 64
Carta verde amizade 66
Boca Maldita cheia de algodão 72
Carta a alguém do *Vivarium* 77

30 79
Fui ali por uma água 82
Inscrito escrito no coração 82
Convit 86
Campo de trigo 87
Suzana 90
Carta mística 92
Despedida da Carta - Meu mundo literário 93
Carta Nascente 94
Céu rasgado 96
A página G 98
Carta de uma pequena garrafa 101
Illustratio 106
Ilustrações Capitulares: 106

Mergulho em águas rasas

|26 Abril 2017 10:10

Nem bem amanhecia
eu tinha algo nas mãos
um retrato que desfazia
um olho d'água
espelho de estranhas imagens
um lago de cachoeira
ladeado de tecido verde
musicado de um cricrilar ininterrupto

Eu podia mergulhar nua
uma água fresca e não fria
veste-me como camisas xadrez vermelhas
Nado as ondas da expressão facial
nado um lago de mel pintado em lábios
nado arroios castanhos de seda
O vento sacode em ondas amorfas
alcanço lago branco em leite
piscante em brilho reluzente
Continuo a nadar a pele incandescente
Marcada e tatuada de sol nascente
Nado afastando as folhagens
de costelas de Adão
Nado para o vale sagrado
atravesso o poço umbilical
e chego à margem doce
dominical
Nado do Quadríceps à Fáscia Lata
Perco-me em Grácil
Afogo-me nos joelhos de Vitórias Régias
Por fim, renasço em meu novo dia
Ao ter chegado à margem oposta
Tocando Tálus e Calcâneo
Passei através
enquanto

a luz do dia nascia
e sua água amainada
ainda dormia
imaterial diante de mim
Envolvendo a íntegra do meu jardim

Tudo ficará bem

|Domingo, 12 Fevereiro 2017 22h. Mezanino. Aos meus irmãos

I – Hora Cheia

Badala almoço às onze horas
Cheios de tudo em todo nada
Mesma limonada
Falas desencontradas uníssonas

Devassa os conhecimentos às duas horas
Tantas dádivas de um Sol que não é para todos
Bringadeiras e Bricas de todas as senhoras
Peso dos dias das dores das nove horas

O que era cheio
Entre dentes, entre linhas, entre vidas
Das mãos esvaiu-se tudo do mesmo jeito

Cheios de saudades vagas
Preenchido do *senão*
Esvaziou-se carinho desta desunião

II – Hora Vazia

Não era sabido de tantos saberes
Que atrasado relógio

nunca se percebeu encanto
e das dores profundas empurradas aos cantos

No passar dos dias frios de verões esquecidos
As horas vazias, sempre vazias em um buraco
Feito um tatu, a dor me sepultava em um fosso
Onde o 'positivismo' era a solidão mais nefasta

Hora vazia, sem céu, sem nada
Despertava o medo do tudo e do nada
Verdade é tudo cheio de nada

Hora vazia, a fome, o medo
À luz uma lembrança possível
Que a dor está em todas as horas no amor impossível

III – Hora Parada

Relógio quebrado impede meus passos
Irmãos longe de abraços
Parados nos horizontes de cada eu
Óbvio *obmutesco*[1] dos momentos seus

Hora parada, na cachoeira, impulsiva do tempo
Entre margens, correntezas, ilusões, abismos meus
Badala hora cheia
Vazia no copo, parada no espaço

Onde podemos fluir um agora (?)
Lembrando, Sol não é para todos
Principalmente de ninguém

Onde podemos fugir afora (?)
Lembrando que não temos no(s) ouvido(s)
Tanta coisa, tantas Sete Quedas, Iguaçu, e nós só temos - ruídos

[1] *obmutesco -is -ere -mutui (ob-muto)* – Lat. Tornar-se mudo, emudecer. Calar-se, guardar silêncio. Cessar.

IV – Hora Decorrida

Muitos momentos foram cicatrizes
Vejo as suas, vejo as minhas
Dor nunca deixou meus matizes[2]
Nos *ontens* eu esperava mais do que sinas

Não sei se mente, corpo ou alma
Nesta corrida sempre me pareço perdida
As ferramentas e as pragas nunca foram definidas
O certo e a razão jamais definiram minha linha da palma

Tempo decorrido, tempo aprendido
Todos vocês têm xícaras para o café que farei
Tempo perdido nas mãos - tanto o sofrido

Meu viver se ilumina além das contas vencidas
Cansaço abraço seus braços
no tempo passado sempre estaremos envoltos no nosso mormaço

VERSO DA FOLHA

[2] **Matiz** – Em colorimetria, matiz é uma das três propriedades da cor que nos permite classificar e distinguir uma cor de outra através de termos como vermelho, verde, azul, etc. As outras duas propriedades são a saturação e a luminosidade podendo esta última ser entendida ainda como reflectância ou transmitância.

Matizes numericamente ordenados num espaço de cor HSL / HSV.

Matiz também é uma das três dimensões em alguns modelos de cor junto com saturação e luminosidade às quais, às vezes, se junta uma outra dimensão, para emular um outro atributo, a transparência.

Já na teoria das cores, matiz se refere à cor "pura", sem adição de branco ou preto. No círculo de cores desta teoria, o matiz é um elemento posicionado no círculo mais externo cuja cor se torna mais branco na medida em que se aproxima do centro. O matiz também permanece inalterado ao se adicionar sua cor complementar (ou oposta), quando então o matiz se esmaece até se tornar gradualmente cinza.

TUDO VAI FICAR BEM - AOS MEUS IRMÃOS.

FALO DA FAMÍLIA, DA DISPOSIÇÃO, DA SOBERBA, DA FALTA DE OPORTUNIDADE DE VIDA, DE UM POÇO NEGRO, FUNDO E FÉTIDO; NÃO TENHO COMO SABER, NO QUAL DE REPENTE ME ENCONTRO, ME DESVENCILHO, NOVAMENTE ELE ESTÁ À MINHA FRENTE. FALO DO MUTISMO QUE ME ACOMETE, DOS ABISMOS. TODO TEMPO SOU EU, TODO TEMPO SÃO VOCÊS TODOS, OS DIZERES SÃO VICE-VERSA. FALO DA SURDEZ E DO MANSPLAINING OCORRIDO POR UMA HIERARQUIA DE DATA DE NASCIMENTO QUE INEXISTE.

AFIRMO QUE AS DORES QUE SÃO ANTIGAS, PODEM SER MUITAS COISAS, SÃO CONFUSAS, TEM MARCAS PROFUNDAS, NADA A VER COM ESPOSO, FILHOS, TRABALHO, DESEMPREGO, FRUSTRAÇÕES, MAS SE MISTURAM EM TODOS ASPECTOS E A INCÓGNITA DOS CONTEÚDOS ESPIRITUAIS, SEUS MISTÉRIOS CORROSIVOS.

NÃO HÁ DESVENDAR, NÃO HÁ 'CURA', NÃO HÁ CERTEZAS, NÃO HÁ DIAGNÓSTICOS E FICA BASTANTE A IGNORÂNCIA.

HÁ QUE SE FAZER ESFORÇO IMENSO PARA REPARAR A AURA CLARA DA UNIÃO FAMILIAR QUE JÁ TIVEMOS. DEPENDE DE TODOS. E NÃO PODEMOS FAZER DE CONTA QUE NÃO EXISTIRAM OS QUE JÁ SE FORAM.

A FILOSOFIA DE MERDA DO POSITIVISMO, AQUELA QUE É EXCLUDENTE, TRANSFORMA AS PESSOAS EM ALERGIA, TOXINA; PROVOCA ESCÁRNIO DAS FRAGILIDADES. IGNORA A LEI UNIVERSAL DO EQUILÍBRIO ENERGÉTICO. ISOLA. ENTERRA PESSOAS VIVAS.

Lettera ritorno alla Mamma

|08 Fevereiro 2017 16:35 |Música: Retornerò – Puppo. e Sui ciglio senza far rumore

Mamãe

Eu queria dizer palavras que nunca conseguiram atravessar as barreiras do silêncio. Procurei o sol todos os dias, para celebrar a tua vida.

Meu sangue pareceu gelo. Meu estômago era um vazio crânio.

Tentei delicadamente afastar os cabelos que cobriam o rosto da luz e em nuvens, eles se transformaram.

Para todo lugar por onde caminhei, senti o frio desamparo do piano empoeirado desfalecido no silêncio.

Aos poucos tua voz se diluiu, eu quis lembrar, quis andar ao teu lado com o Toy e Risonha.

O tempo simplesmente se indefiniu.

Dedicava meu respirar à tua coragem, à tua força silenciosa.

Eu, vivendo de palavras, como pude sobreviver sem elas?

A música nos reaproximou.

A palavra que me houve recordado... a palavra que ouso pensar sobre ti, a palavra que desenha sem traços o teu rosto.

A ausência nunca se cura.

E todo tempo sei que no sol estiveste nos meus dias.

Especialmente agora. Toda essa agonia, sei que foste tu que me abriste as portas. Sei que lá no jardim hei de te rever, para te dizer em partituras do teu idioma que finalmente li as palavras.

Sim, no fundo de alguma forma teu legado sempre me agasalhou do temor.

Lembro cada vez que estivemos no caminho, nas esquivas dos espinhos, conheço tuas dores, sempre soube.

Eu sempre soube. E quando nos virmos, não precisarei ser esperança.

Levarei o piano no bolso.

As partituras no meu olho.

Tuas mãos elegantes poderão tocar.

A luz rosa irá cobrir a Terra e a Sonata ao Luar tornará bater teu coração em raios do Sol do teu sorrir.

Espere-me.

Levarei o amor dos gatos e dos cães, na forma de coisas que nunca saberão.

Compreenderás. Compreendi.

Agradeço tua pequena carta.

Com amor eterno de nossas existências. Esperes que levarei o piano, mãe.

Mara

Não

| 14 Fevereiro 2017 14:33 – Ao não

Não se esquece *d*aquilo que enternece

Não sei nada o que vem a passar

Água e Ar desaparecem em

mim

Vida linda que não se pode

Distância cálida

cala

Não se larga ao vazio

Pensamento no frio

Rio

Deságua n'alma

o que não se pode Viver

Enternece aquilo que não se vai esquecer

Guardam-se

mãos pequenas a não perder

Não é o que não existe o que não se pode Ver

Não é - Foi sendo acontecendo

Não

Chuvas incontáveis

Não se depende daquilo que independe

Não está Está

Esta

Miragem maquiagem dos meus olhos

Não viver Viver

Conhecer Acontecer

Não se acomete aquilo

que não estava para acontecer

Acontece Não

Abandono o não

acontece o lembrar a esquecer

Não aconteceu Está acontecendo

Não se perde o que não se deve perder

O que se abandona se arruína ao tempo

Não foi

Foi uma raiz cancerígena

entranhada nas razões misteriosas

Não se esquece

nem mesmo não lembrando

Não se está perdido o que se busca

eternamente no entardecer

ternamente no enternecer

entendimento no acontecer

Não

Não se esquece *d*aquilo que enternece

Não se perde parte do próprio coração

Não se vive com um ventrículo

Versículos que nada podem à eternidade

do não

Gesto de Amor

|10 Julho 2017 14:26 |Música: So lost in your Love – Gary B| Poema não aprovado| Poema a respeito de um desenho que fiz, muitos anos atrás, em acampamento no camping dos carvalhos em São Lourenço. Um desenho visionário. Um emblema para mim. Desenho que vejo ao dormir e acordar. Desenho que significa mão estendida, mas conforme nosso ânimo de espírito vemos outra coisa. Mensagem mutável e uma clemência de oração para que os gestos de amor se libertem e se materializem.

[Illustratio 4]

Altos carvalhos estalavam
nas súplicas ao relento
Um ar que me circulava
Tocava-me com mão
meus lápis desenhavam
a palma, o gesto,
um colher
mão aberta
Uma luz viva contornava
Intuitivamente despi inquietações
Ouvi meu interior
Quis estender mão a ti
Ela pediu um calor de si

Cada momento, o desenho
disse-me inúmeros gestos
Se meu coração estivesse
Eu sentia no desenho do gesto

Por vezes, uma despedida

Outrora uma mão em afeto
Por enquanto, mão vazia
Em prantos, a mão de súplica
Em desespero, a mão colhendo
a voz de Deus
Nas trevas, a mão não mas o pulso

Vi tudo
Claramente percebo a mão sem
Vejo
os lindos gestos de amor
que brotavam na sua mão
Ela traduzia belamente
transitando o rosto de minha pequena
Como se o afeto pudesse
transgredir o tempo e
existir para meu descendente
aos seis anos
O gesto de afeto que não esqueço
como se fosse algo que queria
fazer indiretamente a mim

Por gestos de tocar
Eu nunca recordo
Procuro olhar as linhas da mão
Penso nas costas da minha mão
com os dedos que se apoiaram
Gestos ambíguos
Eu os decifro
Eu os seguro
Eu revejo não *reavejo*[3]

O tempo caleja meu coração

[3] Não há a conjugação para a 1ª pessoa do presente, neste caso é uma expressão própria de realce.

mão estendida

O gesto sem gosto
O afeto não sinto
Meu coração é que sobe no evaporar
Minha garganta se fecha
Mas respiro tranquila
Bebo a água da fonte
Cabelo esvoaça
Sinto pelo feto, pelo fato
pelo espaço, pelo inato

Quis estender a mão assim que a vi
Ela sorriu algo imperceptível em si

O tempo viaja de vagão
As malas se perdem

O gesto permanece estático
Ombro convexo
Amplexo vago
Seguro em mim mesma
Os mistérios da vida
das águas que segui

Cada momento, cores foram
simulacro de vácuo
de gestos contidos
de gestos omitidos
de gosto de gesto
se o meu coração quisesse
eu sentia na cor

Por vezes, um cumprimento
Outrora, uma mão no ombro
Por enquanto, mão nenhuma
Em prantos, a mão desliza o cabelo

Em desespero, uma mão que aparece
voz de afeto de momentos seus
Nas trevas, a mão firme segura o pulso

Vi nada
Claramente percebo semente
Percebo o que não foi dito
Foi escrito em gesto
Incompleto
Fosse afeto
Fosse amor
Fosse indigesto
Não fosse razão
não fosse como se fosse
fosse o que fosse
Apenas gesto
Toque
ímpeto e coragem
amor em viagem
Todo carinho
vivido em amor
e me divido
posso ser gesto
em duas mãos
Ainda pode ser
gesto o seu ser
em amor

Nota (se) (de)(s) Falecimento

|21 Fevereiro 2017 16:08 | Música: Eros Ramazotti

Morro-me de negação

Desfaz-me os nós dos cabelos
Desferindo-lhes o fio das facas

Morro-me na anota do se
Morro-lhe e fale de si
mesmo

Abunda-me tanto *des*
desde que
ouvem-se os ruídos e calam-se
gemidos

Morro acima
Morro abaixo

Caio-me em lagos fundos de enganos
Espero momentos enquanto
segundos são terceiros
Anota as palavras de pranto
como orações vagas a santos
Nada ocorre que (des) faça
esta calçada morre-me mata-me
Faleço a falta em si
Fortaleço o óbvio de ti
Morra(se) de(s) Falecimento

VERSO DA FOLHA

FALECIMENTO - SUBSTANTIVO MASCULINO-
1.ATO OU EFEITO DE FALECER; MORTE, ÓBITO.
2.CARÊNCIA, FALTA, FALÊNCIA.
"F. DE ENERGIA"
NESTE, USO AMBIGUIDADE, ORA MORTE, ORA CARÊNCIA OU FALTA.
TRATA-SE DE ESMORECIMENTO, PERDA DA DISPOSIÇÃO. NO ENTANTO, PERMITO DIZER SOBRE AS INTERFERÊNCIAS EM MEU SUMO PROBLEMA, E DIZENDO TODOS ESSES PARÊNTESIS, DOU ALGUNS SIGNIFICADOS, OS QUE PENSEI PODEM SER DIFERENTES DOS PERCEBIDOS. EU, EM PARTE, QUIS REFLETIR MEU DESEJO QUE SE ENCERRASSE O TEMPO DE MENOS VALIA, DE PRECONCEITO, DE DESVENCILHAMENTO COMPULSIVO E DE MINHA PARTE DAR FLUIDEZ. HÁ O SENTIDO TAMBÉM QUE QUANDO

SE 'PÕE PEDRA EM CIMA' UM POUCO MATA A QUEM SUFOCA, UM TIPO DE MORTE QUE A PESSOA FAZ SOBRE ALGUÉM APAGANDO-A EM SI, E A QUEM TEM ELO AFETIVO, A MORTE VIRTUAL DESFERE SUAS VIOLÊNCIAS E FERIMENTOS PROFUNDOS, MORTAIS. SÃO FRASES AMBÍGUAS DE ÊNFASE, A FORÇA DELAS É MOSTRAR COMO EU ME SENTIA COM ALGUMAS SITUAÇÕES, ESTE TEXTO COLOCA A PESSOA NO MEU LUGAR, ESSE FOI DE CERTA FORMA SEU PROPÓSITO.

Café amigo

|20 de Março de 2017. 14:34.

Convido a entrar. Pode sentar. Diga como está. Pode deixar a bolsa em qualquer lugar, não repare nossa casa. Aqui moramos sem grandes alazões, sem porteiras, sem sombras de álamos, sem pássaros em gaiolas.

Ainda sobram poucas flores neste jardim envelhecido, tantos anos com minha sombra de esperança vencida pelas estações. Andei atordoada de tanta coisa, andei enjoada de virar de um lado para o outro na noite, nesses dias que vem se somando, após convites amigos.

Eu supus que estender a mão sem defesas ou artimanhas, com meu sorriso de saudade bastaria para adoçar uma xícara de café. Eu me tatuei de promessas a Deus, recebi olhares de Maria, e cada dia a benção de viver resistindo minhas piores dores, mas ainda me lembro que tantas vezes convidei para minha hospitalidade.

Pensei que seria mágico, que minhas promessas de estender minha amizade em um tapete infinito do seu caminho, poderia ser tão morno, para os dias mais distantes e nas horas mais estranhas.

Ainda tomo cada xícara de café, por vezes ele esfria no quão lento se faz meu gesto, enquanto como bolachas imaginárias de amizade.

Eu ainda espero. Acordo e me visto para a vida.

Ainda acredito ser tão possível, que pudesse ver os tantos medicamentos a que tive de me submeter e não me ajudaram. Ainda prossigo andando por estas vias, estas pessoas da minha pequena cidade, algumas me dizem alguma coisa, levo como um sorriso e me alegro.

Sinto tanta vontade de tomar um café, só para sentar e conversar em riso e surpresa, estender os olhos para seu viver e poder oferecer um abraço de alma.

Venha se sentar junto a essa mesa, podemos falar de poesia, de alegria, trocar amparo, eu nunca negaria isso, certamente desenho promessas sem dívidas, cobranças, restrições, tenho tanta coisa legal para contar.

Nossa, ninguém me falaria isso. Eu acabo de beber o restolho do café na caneca, resfriado do esquecimento. Cabe uma colher de lamento doce como mel de abelhas polinizadoras de laranjeira.

Em casa, tem lugar para sentar em um sofá, completamente pobre, sem tempo certo, mas olhos atentos para lhe ouvir, coisa que já é rara. Tantas coisas que poderiam ser alegremente feitas em um bom passeio ao ar livre ensolaradas pela velha amizade que existia, eu acreditei e vi o Sol que estava ali.

Em meu armário algumas xícaras estão dormindo seus desenhos e estampas, à espera estiveram por séculos que tenho vivido e sempre esperando você para este café amigo, este fim de semana amigo, este passeio amigo, esta possibilidade amiga, esta vida amiga...

É absolutamente imprescindível olhar nos olhos. Estou aqui disposta a responder, rir, contar, andar, superar, ajudar, ceder afeto, discreta dentro do meu sonho da madrugada, abrindo as portas de casa ao amanhecer, com as vidraças limpas, uma toalha limpa, meu olhar sincero e minhas rugas atentas de uma auspiciosa ansiedade de rever e poder abraçá-la como amiga, de hoje e sempre.

A realidade amanheceu, o lindo amanhecer clareou, mas o ar frio foi o que me vestiu. Senti a decepção minha de cada dia tornar insosso qualquer pão, mas engulo e sigo meus passos para meu trabalho. Quem sabe ela amanhã recebe meu convite Café Amigo outra vez e reabre o seu sorriso...

Uma resposta de carta

|01 Dezembro 2016 17H

Hoje realmente o dia se pareceu diferente, não posso dizer o quanto sua carta me surpreendeu, nem traduzir exatamente o que senti.

Primeiramente, vi com surpresa como uma outra pessoa pode enxergar nas palavras e até vesti-las como se fosse um poncho de lã roxa no inverno. Senti uma mistura de sensações com as suas palavras, elas nem pareciam palavras. Faziam o som de uma brisa, como uma música calma.

Eu senti o aroma morno de um chá, numa sensação que tem sido rara atualmente.

O dia começou diferente, porque as nuvens se abriram e contrariaram o humor da humanidade. No meu jardim, o que mais se assemelha ao que me disse, é que daquela roseirinha mais estranha que está no canteiro, uma que brota uns frutos laranja e achei que nunca iria florir. Hoje estava com dezenas de mini rosas amarelas, que eu não houvera notado, umas já desfolhando, outras resplandecentes como ouro.

Suas palavras têm realmente uma herança de minh'alma, tem cores, luz, sentidos, mas especificamente de você vem sempre uma enorme consciência que eu admiro.

Em todos esses tempos, tantas coisas difíceis, meus filhos tem sido um doce, igual minha mãe era capaz de fazer.

Sua carta, elaborada da mesma forma, com que minha mãe bordava as roupinhas de seus futuros netos, com uma destreza especial, com singeleza para receber no mundo. Era um carinho que se dizia dela tão colorido como estórias infantis.

O teor da sua carta me trouxe da memória, o sabor dos docinhos de olho de sogra, que minha mãe preparava, com seus dedos hábeis, com

delicadeza de cobrir com caramelo em aniversário de algum irmão meu. É o sabor humilde da gentileza, um carinho de alma.

Especialmente hoje, porque ontem, eu tenho certeza de que pedi a Deus que me enviasse um anjo com seu candeeiro aceso que pudesse andar junto nessa hora comigo. E certamente ele me enviou o que estava mais próximo. Você.

Carta do Aquém

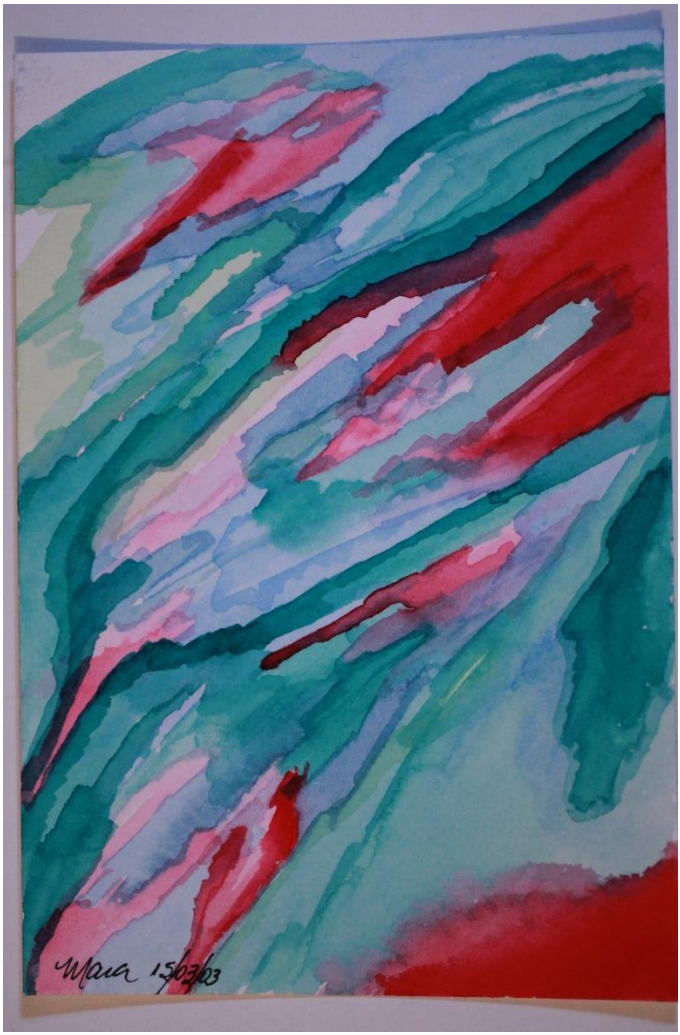
| 18 Abril 2017 14H

Segue-se tempo e horas
anos de buscas senhoras
riso a alimentar a fome
o Sol a pino
tudo foi se proibindo
faltava centavos às contas
Tinha que sorrir com aquisições
enquanto o alicate cortava meu fornecimento
Foram acontecimentos
Pessoas tem ojeriza
E não é diferente para os tantos
que vivem submundos
subalternas situações de impropriedade
Pão de ontem
Torrada de anteontem
Cano que vaza e contas impagáveis
Roupas de outrem. Dívidas a quem?
Parcelas, vielas, becos sem saída
Luzes se apagam ao fim do ato do teatro
Eu, você ou ela? Quem vai comer?
Guarde um pouco para depois
Sonhos com dentes, comprar uma pasta de dente
tratar um canal
Sonho com perseguição, pessoas da inquisição
Eu trabalho Todo dia Muitas vezes à noite
Sempre devia ser isso Devia me pagar os pães
Não paga Acham-me inútil
Sigo o que decido honestamente
Todos os preços que paguei e sacrifícios foram meus

Esqueça o que pensa de mim com os seus
Sonho comprar meus próprios remédios Eu que fiz tanto
Deixei as análises no tempo passado
não permiti esse seu eterno gerúndio de cogitações da minha vida
Eu honro-me Eu dignifico o que faço
sem preço sem paga sem indenização
Escolhas são minhas Escolhas teu caminho
Aquém de tudo há um enraizar complexo
como manguezais
com lodo até o talo
por onde eu posso caminhar
Tenho ferimentos físicos e ilusórios Tenho ferimentos aparentes
e profundos
Sigo aquém do que queria
Gostaria de não chacoalhar hoje minha dor irradiada sobre o banco da
moto resfriada em chuva Queria esquecer os atoleiros
Queria só um prato de macarronada ao sugo
E depois de tanto tempo as coisas mudam
as pessoas não entendem aquém
Não permito mais discutir sobre meu trabalho ou questioná-lo
Para estas pessoas indico o próximo balcão de informações

Sangre

| 18 Abril 2017 13H



[Illustratio 5]

Rios vermelhos
Orvalha-me ferimento
Transpiro vermelho

Corre veias
Corre rios
Hematoma-me
Sangra
Corrente sanguínea
Pulsa tensão
Sangue doador
doa dor
Co-á-gu-los
Co-gu-me-los
Tentáculos benignos
Rios de fígado
Biles de contrastes
Corpos estranhos
suspensos em guindastes
Suor Sangra
Sangre-me e só
então se pronuncie
Geleias framboesas
Mão que aperta
em si
em seu rubor
Pulso inerte
veias negras
Despedaçar da noite
em pedaços de bolo
confeitado de membranas
ovários mortos
groselha aguada
sanguinolenta
Vida lenta
Rios vermelhos
Risos corados
em anêmica vida
Sangre-me
depois pode
dizer qualquer
coisa em

caneta vermelha

Entre laudos e danos
Láudano a dor
Esqueça-me Dor
Trombo à direita
Falópios podadas à esquerda
Sangre-me esta dor que
é só minha
Não procure
as veias com sua agulha
Leia as Plaquetas
Nelas se diz
Sangue Tipo O
Sangre-me sou
mais um
pedaço de carne
Putrefata
como todas as mãos
e os nãos

Sangra
Coagula
Coaduna
meu viver

Escrevo

|10 Abril 2017. Noite. Mezanino.

Escrevo,
ao vento que te encontre por aí
Versos falsos e alto em nuvem
que se derrama sem sentir
O vento cá regue

jardins sem donos e
plantas sem nome
O céu que se arranha
por unhas de estranhos
Sobem flâmulas do fumar
de cachimbos insones
Escrevo-te nomes e nadas
Desejando virar um copo de limonada
Esqueço por onde caminhas
Esqueço o que me peço
Adormeço um começo do ar de lavanda
das letras que caem dos cantos
caem das asas e do ar
e sem destino sem ponto
Florem campos
por onde passam
Sem contar este conto
de nada e ar
expelidos sem pesar

Ida

|18 Fevereiro 2016 10:15 | Música: Afterglow-Genesis, Dark voices-Era| Aconteceu de noite estas palavras vieram, mas havia muito mais que não tive forças de registrar e tive que sublimar hoje, dando um formato menos pesado.

Em sol de céu, mergulho meus olhos desprendidos
A algum lugar que nem sei quero me calar
Despeço-me destas árvores verdes em seu retorcido buscar de luz
Dos pássaros que me cantam antes do amanhecer
Das crianças que quero conhecer
Deixo para lá e para cá, rastro de palavras inexatas
Despeço-me do sentido único
Das mãos frias
De panelas vazias

Nado piscinas de ilusão e tomo café com espuma de nuvens
Visto minha ventania
Avisto paisagens imaginárias de onde não posso
Despeço-me de meu telhado das chuvas de verão ruidosas
Das roupas rotas e dispo-me das vontades
Despeço-me dos ausentes
Distribuo meus presentes
Compro passagem só de ida
Despeço-me das flores não nascidas
Do relógio parado
Do meu sorvete de creme
Sigo nem pensando em querer
Ando
Caminho
Coração queimado e calejado das distopias
Despeço-me da minha fronha predileta, lençóis e papos de anjo
Carrego minhas pimentas, uma caneta e um saco de ferimentos
Despeço-me dos meus sonhos
Das suas sombras e falsos prazeres
Despeço-me do meu calar de não
Do meu senão
Do meu sinal
Do meu punhal
Despeço-me de todos os conceitos pré-formados
Dos livros que não li
Da necessidade imposta
Despeço-me dos meus cartões de plástico
Despeço-me da inutilidade da minha formação
Dos amigos longínquos, porém ausentes
Despeço-me do meu chorar
Do meu angustiar
Das claras em neve
Dos pincéis a dançar
Das pontas quebradas dos lápis que estão para acabar
Das tintas secas
Da boca seca
E do gargalo da garrafa
Tirarei todas as roupas e me deitarei sobre a pedra

A não esperar mais você

Essência de Perfume

| 19 Maio 2017 Madrugada, no mezanino em companhia de Ártemis – minha gatita.

Com suas mãos
a delicadeza se vestia como luvas
Nessas horas da noite
ouço o cair da água
nas águas do telhado de chuva
Os gestos contidos
dobrados em finos lenços de cambraia
arrumados em uma caixa
um resto de perfume antigo
papéis guardados
Uma caixa
Uma caixa que fecha
se tampa
se estanca
Põe-se tranca
Sela e
Lacra
Guarda no fundo
Enterra
Cobre com palmos de terra
Vira-se
Faz-se um mapa

O dia que amanhece
com luz mais intensa
com os pés nesta fina água
Terra umectante
o instante das cores vibrantes
dessa ferrugem do solo

Uma cor ocre
Cheiro odre
Natureza morta
O que guarda, transborda
Um feixe de luz
ou uma energia invisível
ou o energizar de elétrons
ou uma fumaça
um mísero fio de fumaça
que esparsa na atmosfera
e me cobre dos seus gestos
dos seus perfumes
como um pousar imperceptível
Um toque leve como uma
borboleta marrom
desenhada em preto

Reviro na cama
madrugada esfria
Invernos me aborrecem
Sono que engulo em seco
Olhos meus não se fecham
Buscam saber o que me tocou
O que teria me acordado
O que teria me dito
O que teria me feito
Tudo cerrado na caixa
Trancado
Enterrado
Estranhamente se manifesta
no tempo
na incessante chuva
Em como me sinto agora
despida de adjetivos
e adjacências
somente um resto
de um pequeno gesto
de essência

Águas Profundas

|01 Maio 2017 22H. Em casa, mezanino.

Sinto em tato frio
Luz fraca
Fossa abissal de plânctons vivos
Cores inexatas
Seres submergidos
que tocam a tez subcutânea
tendão contraído do andar
Eu mergulho em correntes
sanguíneas
em correntes profundas além da inércia
contra gravidade - flutuo
estendo os braços nadando
através das veias e artérias
através da matéria
Transcorro mares perdidos
Transcorro sua vitalidade
ritmada em ventrículos antagônicos

Navego vermelho e encontro o ar
branco, nevoeiro
que cortina seu pulmão
Mergulho ar e vento
Vibro em sua corda vocal
Proferida em sua fala
E em azul chego ao seu
mar orbital
uma mente retorcida
de pensamentos e sentimentos
nadando
reclusos nas profundezas do mar

oceânico
Minha presença assusta as
raias e as violetas
Meu tocar invade sua ilha
de percepção
Sua visão se turva
Eu emirjo[4], minha mão aflora
através do brilho que desabrocha em seus olhos
afora
transborda em um instante de lembranças
A água tremula forte e se acalma
O amor foge, evapora
Ascende ao céu, seu rosto se acomoda
o coração se contrai, acelera
Bate e o sangue se contorce
na crossa arterial
A pele aquece
Ouvido se apaga
Um tremor que passa
num átimo desse meu mergulhar

Não ter mãe

|04 Maio 2017 |À droga do dia das mães. Para quem tem essas dores e não tem poema Mãe. Seguindo a vida sem duas, tentando ser uma mãe necessária ao contrário das 'desnecessárias' que são apregoadas para os filhos se afastarem das suas, sem saberem como é não ter uma.

Eu tinha mãe
A memória a levou
Para mim sempre foi cedo
Minhas preces ficaram ocas

[4] A conjugação da primeira pessoa, existe referência em dicionários portugueses emirjo, e o emerjo para a primeira pessoa.

Minha amargura foi minha boca
Eu tinha uma, menos uma
Nenhuma
Veio a morte e a levou
As flores se tornaram pragas
A vida pareceu matemática errada
Foi me tirada duas vezes
Eu tinha nenhuma, menos uma

Eu tinha uma amiga, parecia uma
Ela se portava como mãe
mas era um espectro
uma projeção
E eu que tinha, menos uma
fiquei com menos Duas e menos uma amiga
E a vida ofereceu mais este não
Passou o tempo, que foi multiplicado
Anos e anos, dias e dias
Menos duas mães, menos uma amiga
Tudo ficou mais estranho
Senão, um não, dois nãos
Então, o que era menos dois
se multiplicou aos milhares
aos bilhares e menos constelações

Era oco, era vago, era falta
Muita dor
Tudo que de bom havia
Ficou confuso no meio de tanto não
Tudo que de sentimento puro existia
Ficou enfumaçado de tanto senão
A conta foi tão negativa
que não havia tempo para pagar
este saldo
No fim, foi bem pior que uma simples morte
Foi pior e consciente do saber
do significado que foi rasgado

Eu não sei me definir mãe
Eu não sei me definir filha

Não tenho palavras
porque se as tivesse, certamente ela teria
me amado
como se eu fosse filha

Nosso par

| 12 Maio 2017 11:40 | Para Henrique

Das coisas que fiz na vida
Fiz ter você
Era guardar um ramo de alfazema no peito
Um cobertor em dois
Passeios
Mãos dadas, sempre guardadas na gaveta
Enquanto eu estava sozinha
Revisava seus carinhos guardados para mim
Dia vinte e três, era sempre uma proposta
Uma resposta
Um estar sem tempo para acabar
Era dia de chuva no mesmo guarda-chuva
Duas mordidas no meu churros
Passeio na garupa da vespa
Passeios onde não há nenhuma besta
Ah, e tantos assuntos
conversar sem rumo
um copinho de *cognac*
cosquinhas e massagem
Sabia que não era de passagem

Sorrisos trocados na carteira
Poucos centavos na feira
Filho
Filhas
Tanto amor e ao mesmo tempo problemas
Nunca quis deixar este esquema
As rusgas de fato, ciúmes
Sim, porque só eu sei
o que passei
E no fim, você foi meu crédito
meu rédito
E nossa cumplicidade de jardim de mato
flores de arbustos
Não sei como dizer
Como contar dos anos da vida
como contar quantas vezes me salvou o dia
como saber lhe dar o amor da melhor forma
que você precisa
E nossas barracas, nossas conversas de fogueira
O céu que nos abraçou das dificuldades
Nosso par foi meu grande bem estar
Foi um grande bem estar de viver
interrompidos nos dias de desentendimentos
com uma sofreguidão insuportável
E hoje sinto uma paz agradável
ao estar ao seu lado
e ter vivido com você

Realejo de Insônia

| 19 Maio 2017 Madrugada - Coisas que eu sinto como se viessem de bem distante

Era para eu subir os degraus
Ler um pouco de Sagarana
Talvez um copo de água

Ruído da fria chuva
Uma bala
descascada
Um chinelo de pano
Restos de sonhos
de banho
Chá morno
adocicado de cana
Podia ser amor na cama
Apenas estico os braços
sinto seu morno sono
me perdi nesse estágio de sono
Penso no mar
Busco calma
Apenas a friagem de alma
Quanta coisa indigna
Sem solução de vida
Palavras desobedecem as horas
Encantam – me afloram
Visto um robe, meus óculos
Sentimentos de revoada de mariposas
A dizer
nada que mude a noite
e a falta
Desenho de contornos
Delinear de ilusões
Fantasias de reis momos
Lantejoulas coloridas de morango
Lacrimejando de um gole de água com gás
Retorço o ombro de friagem
Penso nas aves molhadas em seus ninhos
Minhas aflições apago na bituca
Tento esquecer o refrão da música
Vinícius e Milton
Lembro de uma a esquecer d'outra
Sem mérito
Sem fim
Gata que mia

me pede
se fia
Um chá me cairia bem
Quanto que evito dizer a palavra
que ecoa na azia
Sou subjugada a ela
No entanto, é luz que acaba
uma vela se acende

Invasão

| 1 JUNHO 2017 14:58

Meu país foi invadido
e tanto
Cruzou minha fronteira
com seus enxames de abelhas
Vestidas com casacos manchados de seu piche
Minha vida foi engolida
na praia da sua boca
Sento-me no limiar de um branco
Divido-me quando encontro o serrilhado
Entrego o ticket para o cobrador
Havia três degraus
Tropeço no último deles
Alcanço nãos cheios de dedos
Perdi meus níqueis
Preparo *drink* de líquens
Sua penumbra sobre mim
fala em grego
com pedras na boca
Olho o meu olho
Ele foi invadido também
Procuro chicotes para expulsar
essas coisas de lá

De tempos pra cá
brinco de anagramas
com as pragas da grama

Você invadiu
O reboco apodreceu
Dele caem os cacos
nem por isso
sua permanência
se degenera

Ampulhetas paradas
Eco calado
em meu amor servil

Como poeira
removo partículas
uma a uma
para limpar o rastro
da minha palidez de alabastro

Que cruel é o desvario da vida
ao invés de fenecer
blasfema com perdurar
Nada posso com infames
com os cupins e
formigueiros
Ácido se espalha
queima o músculo estriado
enlouquecido na sua própria
razão

Ao meu irmão, Ricardo

ATIBAIA, 1 DE NOVEMBRO DE 1998.

Deca

Não pude ouvir esta música sem me lembrar. Lembrança que por muitos instantes me oprimiu.

Queria estar ao vento e que nós ouvíssemos juntos. Pudéssemos compreender tudo isto juntos. Todas estas impossibilidades que foram amordaçando-nos igualmente.

Todas estas impossibilidades que sempre nos discriminaram, e impediram de dizermos.

A minha garganta irá sempre doer de pensar, em tudo que está aqui tão longe de seu alcance, que na verdade sempre esteve intocável para nós com tão intenso sentimento.

Em todas as cores do céu tão maravilhosamente impossível de se viver.

Em todas as flores tão maravilhosamente inúteis de se viver.

Em todas as noites tão maravilhosamente intermináveis de se morrer.

Em todas as músicas tão infinitas de se lembrar.

Em tudo que sempre sentirei sua presença passada, ou futura. Em tudo que me indagará porque e porquê, que não conseguirei nunca responder.

Esta voz sempre irá me tocar tão profundamente como o frio, como o vazio, o seu sorriso vai estar em meu olhar, e verei o céu para você. A sua sede vai estar em minha boca calada. O seu medo estará em meu frio, o seu sentimento estará em minha solidão.

Você nunca mais me dirá nada e serei. Você nem sei se existiu e me mostra todas as cores da angústia que viveu.

Em todo o vento e toda a chuva brotam de meus olhos, uma vontade de poder te dizer coisas que jamais direi.

Compreendo totalmente a sua decisão, e muitas e muitas vezes eu pensaria em ir junto. Não poderia nunca julgar certo errado a cor das flores murchas que nunca vi.

Ouça este som que sei que curtia tanto, é tão intensamente lindo e tardio para todos os nossos sonhos.

É tão depois de tanta coisa desejada, que chega a ser silêncio.

|Música 2: - Dreamaker - Renaissense.

Noite de amor

|4 Junho 2017 10:30 Domingo – Mezanino

Tudo era um bailado
quase estático
Um impulso naufragado
no ondular ríspido de cobertas
conversas com toque suave
corrente elétrica bivolt
Uma coberta morna paira
sobre o ar
vistas nuas sem óculos
O profanar dos pensamentos
Arranhar o paladar desse sentimento
Há um momento raro em sua boca
Sinto como um morango ácido
Misturamos sucos de melancia
no beijo estático
Adentro sua pele
vestindo ânsias de frios
Luz branda dos seus olhos sedentos
me carregam neste rio
Somos arrastados na correnteza

sem equilíbrio
sem vazio
Um poder intenso
de amor antigo
Algo estranho se derrama
quando bebo chá adoçado de estrelas
Seguro firmemente a pele imaginada
como pelagem de pêssego
E do tormento do meu instinto
invadido
Sinto ânsia de comer seu sorriso
como manjar
Porém como uma mordida
mastigo um pedaço da Lua
que guardei comigo
todos esses anos
dentro do meu umbigo

O sabor muda cor
Estremeço ardor
Sentimento
Percebo que o que está comigo
é uma nascente
um aflorar permanente
sombra aparente
de um desejo muito quente

No meu íntimo dizia como eu te amo
mas dizia deste amor novo renovado

Um desejo

|04 Junho 2017 11H

Se tem um lugar que quero
É estar no teu licor de cereja
Poder deitar na tua língua
Escorregar na tua garganta
Poder ouvir de dentro tua voz
Rouca em noz moscada
e ardida de pimenta

Quero ser um rio de tinta
azul permanente
a desenhar em tuas linhas da mão
minha sorte convergente

Quero estar na cor da tua unha
Respirar o piscar dos olhos
Tanger o dedo na sobrancelha
Para cair junto à cachoeira dos teus cabelos de água

Quero misturar barro com as mãos
Fazer pinturas tupis nas tuas costas
Sentir por um minuto teu calor
Pintar teus lábios de digitais

Quero me diluir em sombras
Esconder-me em grutas perto dos ouvidos
Contornar o caminho dos olhos
e poder amarrar este brilho em mim

Carta Azul

| Música: Gelobtes Land – Unheilig, Le Lien – Grègory Lemarchal

20 de junho de 2017. 12:14. 18 graus. Céu nublado.

No café da manhã
trazes um prato de nuvens
garfo e faca
corto à fruta uma brecha
Surge o céu que procuro
Soluço que põe uma gaivota em voo
Ladina escapa na brecha
Um céu novo azul
purpurinas de estrelas ocultas na luz do dia
uma mão delicada de sol
Toca meus braços aquecendo vagarosamente
Saio rasgando os papéis de nuvens
Cartas em branco anônimas
Sua voz de suspiros
um expelir de ar com hálito hortelã
gosto avelã
casaco de lã amarrado à cintura
Deslizo na língua inaudível do vento
Não preciso de barcos
Vejo a planície de uma colina azul
Onde o verde esqueceu-se de ser
Embaixo
riachos de espelhos
pequenos chumaços de algodão
Fumaças deságuam verticalmente calmas
Potros correm campos
disparando coices e saltos
Gaivota evaporou
A pedra
ela se aproxima do meu rosto
com sua colcha ferrenha
sulcos sisudos
olhar cinzento percorrido por rios de leite
cachoeiras fugazes de uma chuva
Entrecortam meus desejos
meus desesperos que tento conter
sem mão forte

O céu azul goteja em meu olho
Lava-me com morno sorriso
um devaneio
uma alucinação
do gosto de salivas de café quente
imaginadas
Vistas em um mensageiro aprumado
que por engano
me traz um beijo de chocolate em envelope
perdido endereçado a mim

e como eu queria saber o gosto
do beijo fugitivo e recapturado
na prisão de brumas

Onde está você

|31 Julho 2017 17:32H

Onde está você com sua brandura?
sua roupa de fenda
seu olhar de amêndoa?
Onde está você com sua doçura?
Sua alma de lenço
sua calma que venço
sua pestana de nanquim

Onde está você que não vejo?
Engolida na sua própria
pupila de desejo?
Agasalhada em capuz de casacos?

Onde levou meus cacos?

Sua dicção de não?
Sua palavra pensada

sentida
onde guardou?
Cadê o que me disse?
Acabou a distância da rua
o perímetro alienado do
horário do silêncio

Onde estão os
tantos rostos
e expressões
do existir?
Cadê você?
Prefiro um sentir puro
do que um obscuro
despedir
Onde está
quem você era
que me disse que era e estava?
Onde guarda suas sedas de lua
seu manto de mão
sua voz de mãe
sua presença?

Onde?
Procuro em escuro
preciso, tateio
me confundo, me perco
me cerco
e não encontro
Me pergunto
Onde está?

As falhas do tear

| 20 JUNHO 2017 11:40 | MÚSICAS: HAJA O QUE HOUVER – MADREDEUS, ROSA SANGUE – AMOR ELECTRO. REESCRITO DO TEXTO PERDOE-ME DE 18 JUNHO 2017

Tateio por entre as coisas
linhas grossas
emaranhadas emoções
verdadeiras cabeleiras de coloridas cordas
à espera de minhas mãos a tecer
De canto o tear incompreensível
Não sei o manuseio
Melhor vestir tentativas
com os restos das linhas
Do que amargar amarguras

Vejo que sempre há o que

Meus dedos trançam por entre as guias
Prevendo possíveis motivos em cores
Ainda me vejo por entre erros e arbustos
com os dedos amarro a linha Perdoe
na mão direita um hífen e Me
Penso 'o que conseguir de mim'
Não consigo ser mais do que artesanato
Tranço Perdoe minha irritação
Encaro-me decepcionada por minha falta de mão
Amarro a teimosia que visto como persistência
Perdoe tudo que ficou latente em lãs azuis

Enquanto teço não ouvi, não compreendo
Nós se acumulam, se não respeitei
Teço por vezes tentando que vejam quantas vezes
amarro com vermelhos o que preciso desculpar
E não poder estar junto
quando precisou
Sem habilidade de aquiescer e ser branda
quando estava dolorido

Teço o perdão às cegas da luz que não consigo ser
Remoendo com as palavras
que não consigo consertar tudo que danifico
Teço minhas cores, meus sentimentos,
minhas intuições, inconsistências
Nas cores da razão me perco
Tecido mostra dificuldade da distância
Perdoe o tecido do meu riso e pranto
Se faço manto e santo
Se faço a mim mesma salvar
Tento fechar as brechas
esquivar às flechas
A fuga no lanifício às minhas inundações
Perdoe o tecido escuro
cheio de crateras existenciais
E se escolhi as linhas frágeis da lua
Meu tear já é meio velho
Dele só traço tapetes arraiolos ásperos
Perdoe sincero tecido grosso
O que faço em fracasso, meu abraço insosso
Tecidos de fazenda manchados
Desculpa, meu tear é quebrado
Perco meu humor com ele
e rio fora de hora
Perdoe os pontos errados deixados em nódoa
nos tapetes do caminho à frente
e se engruvinhei essas nódoas dentro de mim
Por todos os anseios em vão
As linhas de amizade perdidas
eternamente procuradas
Incompleta no tecido para o frio
Meu tecido falho, com as lacunas
às respostas espirituais impossíveis de serem bordadas
E toda a recorrência de nós marinheiros
no permeio do tecido
Teço trêmula por burrice, nulidade,
dores e falta amores
E nessa parte dos motivos coloridos maternos

que não acerto em nada
nem por esse ou aquele lado

Perdoe se não consigo um tecido menos áspero
e se meus dedos calejam
e se nunca lembro como fazer nada
Meu tecido pula justo a linha delicada da sua vida
Teço com as linhas erradas
o tapete que você nem quer saber

Meu pobre tear velho encarquilhado
cheio de fiapos esquecidos
minhas mãos perdidas nos tremores
inutilizam o que tocam
embaralham o que dizem
e no final o amor desvanece
entre embaralhados e lacunas

Ao som da cantiga portuguesa
'Haja o que houver'
admiro a voz de seda
do que não consigo
acariciar com mãos de anjo
no seu rosto
Meu Deus, me perdoe
toda essa falta de jeito

Caixa de Madeira e Veludo para Guardar Amor

|07 Agosto 2017 – À noite – Mezanino.

Em tempo presente, um dia, após o tempo de contemplação no alto, no patamar que lhe dava abertura a respirar. O transpirar das palavras vertentes, o semear das cores da aurora, se depuseram em forma de cor.

Ela escreveu, sua visão àquele dia, àquela hora, branco sobre vermelho. Dizendo isso lhe parecia incrustar rubis na sua mão. Ou que a boca pudesse voar a cantar feito pássaros alados sem tempo, sem extinguir.

E sua vida, em letras de sangue de coração, anos e anos frutificando. Nada invalidava cada ângulo da vida, de cada voo de ilusões e os fatos de dor.

Apenas a grandiosidade tomou-lhe a mão, a boca, o olho, o ventre e tudo estava ali diante dos olhos a perder de vista, a perder de tempo, a perder.

Não obstante da realidade, dos cubos, dos mundos opostos, as palavras não foram nunca pérolas a rolar barranco.

Escrito sobre veio de ouro, sobre veio de pedras que sangravam em grutas, suas luzes contidas no escuro.

Ao fazer isso, ultrapassou todas as barreiras, ignorou dúvidas, ignorou todas suas marcas da pele de cicatrizes a sinais de nascença. Ignorou aquilo que ampara, e todo seu aconchego de lar e de família.

Era um enorme rasgar de peito, uma série de visões de lava, que somente ela poderia ver de onde se encontrava.

Colheu tudo com sorriso, em um saco com fecho, feito de veludo cor de vinho, amarrou os cordonês espiralados com laço. Pombas brancas vieram e levaram parte do seu tesouro, pessoal e secreto.

Ela olhava temerosa, receosa, apavorada o voar decidido de tudo que batia forte sendo carregado a endereço certo para pessoa incerta. Jamais saberia o que houve. Sua parte ventricular esquerda mantida na sua mão, seu chorar desesperar desvanecia.

Escurecia. Então, ela revestiu uma caixa, do veludo mais limpo e brilhante, com a nuances do brilho das ondas de mar, imprimiu sua carta vermelha de amor imaterial, guardou junto às pétalas secas de primavera rosa. Guardou perfume. Guardou a dor. Guardou silenciosamente. Cerrou a tampa de madeira, meteu a chave, girou e trancou.

Por dias o gosto de amor permeava seu olho. Por dias transpirava sangue de flor. Por dias chorava o evaporar da alma e o pesar da censura alheia. Por dias de repente recordava a visão linda, do ângulo do segundo degrau, toda névoa branca de amor, de amor verdadeiramente macio de algodão, de aconchego, de uma paz inatingível, fê-la chorar, lágrimas de leite vertido nas chuvas torrenciais da pedra, brilhantes de comoção. Suas dúvidas a consternaram. Toda essa mescla, de dia e noite a varrer seu tempo, dia de sol e chuva, e essa mescla sentida fortemente em si, desejando a esperança de um pavão, a esperança de um broto renascente.

A linda carta fechada, suas palavras bordadas no seu olho, franzidas em sua testa, por onde fosse as pegadas deixavam marcas da tinta. E tudo podia ainda estar acontecendo?

Queria ser cinzas assopradas ao vento, diluído o pranto, abraçar algo grandioso tal qual o amor puro e poder aquecer o frio escuro do não saber.

A carta vermelha, uma carta de amor feita de flor amor-perfeito, era tempestade de caos, a queda d'água do infinito.

Queria sentir apenas o branco, e apesar do vermelho conter a carta deveras cuidadosamente dobrada, não poderia conter o batimento involuntário deste coração. Caixa fechada. Mensagem ao relento. Palavras jogadas no mar.

Infinita praga, veneno, de amar.

Nunca se sabe, nada, nem o depois, nem enquanto, nada se sabe do que virá. Não se pode nunca saber o que ela sentia tanto assim, para escrever algo tão único.

Diadema

|23 Maio 2017 13:49| Música: Madredeus – Haja o que houver

O que guardo no coração
isso lá é comigo
Se faço dele um abrigo
O amplo olhar
engole o frio
Pinta o pôr do sol antigo
Gaivotas caladas
em sobrevoo
O que guardo comigo
é de ti algum vazio
o desapercebido
o saber esquecido
O que sinto é meu dilema
impróprio e doado
Meu guardado problema
com brilhos de diadema
Frescor silvestre

Deitar anoitecer
Aconteça tudo o que for
Está costurada esta dor
no mato cresce sem permissão
amarela flor
O que guardo no coração
Tem a força de uma mão
cúmplice que semeou
o amor

Carta do amanhecer

|31 Janeiro 2016 18:04 | Para uma AMIGA. | Música: Time, Inception soundtrack; Afterglow – Genesis Live| Erros propositais para eloquência e inflexão.

Misteriosamente a hora lhe acordara, como um suave tocar em seu rosto adormecido, mesmo que o ontem mais distante pudesse lhe conter a vida, como quase uma pausa, o dia seguinte já nascia bonito porque se apaixonara de seus sonhos; tentava revolver as novas nuvens para que as luzes tocassem seus olhos mais uma vez invadindo seus sentidos de um arrepio de amor que se exalava em aroma de flores filhos de corujas crianças em um ninho feito de girassol como cama.

Amanhecia-lhe uma canção quase silenciosa de nuvens despertadas com raios de luzes, uma revoada, um vento de mudança de estação, a luz de seus olhos vestia seu sorriso mais esperançoso de um acordar.

Encantava-lhe a perspectiva de sua sombra projetada do amanhecer, de uma silhueta que decidia viver o melhor, guardava para si as últimas gotas daquele orvalho, para depositá-lo no centro de uma margarida, excepcionalmente amarela que a chamasse à alegria do abraçar em sonho as crianças, como se os sonhos todos pudessem se reunir nesta primeira hora para festejar a dança da copa das árvores, cipós e a névoa acordando para cobrir sua filha montanha.

Mãe em Orvalho

|21 Agosto 2017 20:17h |Dedicado à outra mãe – derivado do poema Mãe, escrito em amarelo, caderno azul em 17 junho 2017

De uma cachoeira alva
descia uma cortina de gelo
Em murmúrios de água beijando o inverno
Era o melhor de ti, eu vi
Senti nos sopros de orvalho
a me retirar ciscos de carvalho
Na serenidade branca a me aplacar dor
Havia brotos que nasciam
em uma mágica incompreensível
do abraço completo da água
em gesto de pirilampo que acende
_ ao cair da tarde

Havia
Luz
que vi

Não pelas mãos que me guiavam
em ruas antigas, como folhas arrastadas em
_ ventania
Mas pelo florescer das estações não
_ permitidas

O melhor de ti
Ouvi

Um tom de sinfonia tímida
decantada em relento
Eu diria – nunca entristeças

guardo estrelas em meu vidro
as contas negras em rosário
guardo o timbre do acolhimento
e o que não foi abundante
foi imenso
e o que não foi possível
foi perfeito - nunca esqueci
Das inflorescências perdidas
Há o vigor existente da sua luz verde
Envolta nela sempre estiveste em redenção

Havia em ti
o amor a ela
que eu vi

Das luzes do dia
Das chuvas frias de ausência
um violoncelo me adormecia
no breve tempo de uma maternidade
Reconciliava-me com Sol
em praias imensas
onde as cachoeiras de gelo
espumavam abraçando rochedos

Valor de pequenas coisas
Espelhando mãos de mãe
no tocar amoroso das horas

Sinto brisa de gratidão
de ter sentido e percebido
o amornar do Sol ressentido
Que me revestia de amor
num caminho que será sempre
determinado de colo e ombro amigo

Havia em ti
essa luz de amor
eu sei que vi

Por tantas coisas vividas
recebida nas águas
nos caminhos da vida
Por esta ternura tu foste
_ tão querida

Havia essa mãe
o amanhecer de mar aberto que
não vi
Barcos ao longe que nunca persegui
Houve um momento que perdi
Brilhos d'água me despertam
coberta de tranquilidade opaca
dos sorrisos esvoaçados em plumas
do peito aberto
que sinto marcado a ferro
Uma filha em coração
Guardada nesse afeto
Houve essa luz
eu sei que senti
não preciso ver
o amor verdadeiro
que ocorreu
em seio de mãe
em orvalho da manhã

Aftas da Solidão

Sexta-feira, 25 de agosto de 2017. 23:06H.

Caríssima amiga M

Após um momento de sorrir olhos, eu me aprumei aqui à minha mesa no espaço que reservei, após um longo tempo em que aqui reinavam caixas, papelada, materiais guardados. Uma balbúrdia. E neste ano após uma luta paulatina de dar fim em coisas, isso incluiu livros, inclusive uns tais que me eram caros.

Era um momento de me reconstruir e este lugar especial hoje é decorrente de diversas coisas que abri mão.

Pois, gosto de descobrir o pano da mesa, encontrar minhas canetas (as que ainda possuo) em seus lugares, guardar lápis de desenho, reler algo que escrevi e anotar uma correção. Coisa que agora procuro fazer, porque saio grafando palavras na velocidade da luz. Volta e meia, ficam uns espinhos.

Ao checar a tinta do reservatório, atabalhoei e verteu uma gota verde que atingiu meus dedos e justo comigo que estou tão acostumada.

Mas eu queria falar, e não possuo habilidade, essa que acabei de ver no filme. Eu reservo alguns de meus filmes para ver num desses dias que o coração fica apertado e fica miudinho e para não enjoar, reservo algum filme especial.

Hoje me caiu como um doce, desses de confeitaria Kopenhagen, quanta saudade.

Este filme, típico de ser exibido na madrugada, não é tão conhecido, nem agitado, é que contém um elemento mágico de afetuosidade que me tocava a pele.

"Nunca te vi, sempre te amei".

Estava hoje mais atenta aos livros, me mortificando de ter doado os meus e lembrando os que fizeram presença. Nem tanto pelo valor cultural, mas até mesmo por diversão. Este filme, será que você conhece? Assistiu? Ele envolve uma atitude de abnegação, algo que persigo, mas confesso: – tenho um gênio com ascendente Cavalo, nada mais apropriado para dar a entender defeitos tão intempestivos. O filme me recordou a capa dura cor mostarda de um livro grosso, umas setecentas e tantas páginas, escrito por Mika Waltari, O Egípcio. Escrito em 1945. Era de meu cunhado, ele me emprestara, aos meus nove anos O menino do dedo verde e O pequeno príncipe, queria me empurrar Lewis Caroll, mostrando as fotos de Caroll com a menina que o inspirou Alice, mas não, eu quis O Egípcio. Aborrecido, me negou. Eu não aguentaria ler. Só fez crescer minha argumentação e pedantismo. Até que ele cedeu e me emprestou. Li aos nove anos, em

três meses. Adorei tanto que não me interessei mais por livros tipo Lewis Caroll. Reli diversas vezes, até que notei que o livro foi devastado por traças e faltavam frases inteiras. Me aborreci. Doei para a biblioteca. Porém me remoo de remorso.

Hoje ao ver o filme, fui me atenuando, compreendendo das expressões de face da personagem, de um tipo de sentimento tão familiar ao meu íntimo, por tantas cartas, sem nenhuma resposta a que me propus semear amizade, ou supus que poderia cuidar jardim alheio, por puro amor às plantas.

Sei neste filme quão tênue é uma consideração, mas tristemente tal qual o olhar perdido do Anthony Hopkins, engolindo o vazio dos anos se sucedendo.

Eu fiquei imaginando que livros compraria e já me valia os dez contos restantes à carteira, pensando um sebo, um dia, talvez.

O curioso, que eu amargurada, me deliciei da máquina de escrever e da destreza com que datilografava. Nossa, já fui boa nisso.

No meu canto, faço meus estudos com livros gratuitos, velhas relíquias que permiti na estante que era de papai, junto a livros infantis e dicionários que eu usava para estudar.

Eu me senti bem, segurando um Julio Verne. E lógico, ouvindo a composição de Rick Wakeman. Sinto saudade de tempos que eu ouvia discos de vinil em minha casa, meus pais fizeram uma varanda e eu passava um tempo olhando a montanha e a cidade ao fim do dia. Toda cerca viva tinha rododendros e alguns pinheiros à frente. Uma escada rústica de pedra onde um dia juntamos a família inteira para uma foto. Eu estava nesse tempo com cabelo meio curto arrepiado com a Giovanna no colo, ela devia ter um ano e pouco. Talvez menos. Meu sobrinho berrando no colo da minha irmã. Meus queridos irmãos falecidos estavam lá.

Eu consigo sentir o aroma deste natal, deve ter sido em 1989, talvez 1988.

E aqui com o traço da minha caneta tinteiro, sob a luz retro do *abat-jour* do tempo de grandes reuniões de família isentas de farpas e de sarro de cachimbo velho do inventário e suas resinas de fumaça amargas.

Vamos e venhamos, cada ano eu pego minha caixa com as coisas de natal, faço preces e agradecimentos a cada badulaque, por muitas vezes desanimada e outras esfuziante. Cavalo que trota, salta. Também dá coice porque é bem sincero.

Mas, no tempo, venho fazendo um tanto de coisas incomuns e gratuitas e aproveitando o sol. No fim, há o entremeio de coisas erradas, do corpo fustigado, da safra queimada... Das frutas adoecidas no pé e sono das horas incertas, bem como consternações inerentes à condição bem própria da minha sola do pé.

Eu, volta e meia, tiro os pés a sentir o pedrisco e tentar pensar na caminhada de cada pessoa. Sua vida, suas coisas escondidas por detrás

da cortina de seus sorrisos. Eu penso com cuidado, delicado, mas geralmente tenho movimentos bruscos, derrubo coisas, me enrosco, tropeço e dou topada na unha.

Em tempos míseros me ponho a ler, escrevo em labirinto, perdida que parece que nada chega a nada. Há um momento neste filme, que ela olha pra gente e diz que o amigo dela é a pessoa única alma capaz de entendê-la. Mas isto me faz entender tanto.

Ao mesmo tempo, com todo esse lugar arrumado, há tanta coisa na minha mente, há sempre o que eu gostaria de conversar.

Curiosamente, eu sei por mim mesma que tudo soaria como desembrulhar de presente surpresa.

E como me prometi deixar o 'espírito livre', no conceito que só eu entendo, não sei escrever ensaios. Não me cabe tinta nem música.

Entre o tempo passado e futuro, eu penso em você, mas pensando na multidão de pessoas como eu, que arde em suas aftas de solidão.

Essas palavras que acarinhem. Que estejam sobre o chá na mesa posta no quintal.

A brisa seja de aroma de frutas, e o bule de café quente, preencha as xícaras sem gotejar a toalha bordada na mesa.

Entre as coisas que doem na perda, eu penso, dizer disso, coisas que as pessoas se sintam humanas e possam aceitar o fato que elas agiram essencialmente bem intencionadas. E d'outro lado, você quieta, eu penso o que isso me diz.

Posso acertar ou errar. É um jogo de roleta. Com vários números. Sigo apostando no loto sem sentido para a humanidade que aprendeu a fala, tem milhares de idiomas, escritos, aprendeu pela palavra. Morreu pela palavra.

Na minha roleta, é o viver para a palavra. Eu vejo quantos erros cometidos, acentos esquecidos. Frases confusas. Tudo. Mas há algo. Há uma coisa que se fez diferente. Em letra cursiva e pinceladas.

Minha visão é que não está nada inválido. E o bom é que não precisamos.

A questão é, será que conseguiria ser capaz de receber a energia do que é ser amigo? Do que é verdade? Do que é mais esperançoso?

Eu reflito. Há tempos de trabalho. Há momentos de aprendizado. Sigo procurando ainda ter livros e poder ler. Uma capacidade que foi sacrificada. E por este motivo, e muito mais penso no quão é bom andar livre, andar solto, saber diferenciar verdades, saber agradecer a gentileza da vida. Sopro tão leve e breve.

Folhas que sobem e se arcam em peso de gotas de chuva. Se ardem ao sol. Queimam na geada. Uma fragilidade coberta de força de viver, que é o quanto basta. Essa resistência. Algo que não tem medida, metrologia nem dimensão.

O quanto vale a amizade, só a parte do coração que é amizade? Quanto vale e quanto custou?

Enquanto me debato em possíveis convalescências e novos abatimentos, sinto meu canto de olho franzir um esboço de alegria, de imaginar hipoteticamente que se alegraria com este envelope, eu tentando ser melhor que meu nome. Transparecer um momento neste cantinho ajeitado, com meus cadernos – um para poema, uma caderneta só para ideias do livro infanto-juvenil, outra para as pesquisas, outro só para estudos literários, que anoto todo tipo de coisa lida e de interesses. Por ora tem anotações em hebraico, tem palavras e frases do livro Os Maias, O ensaio sobre a lucidez, Água viva, Ilíada e os tantos textos de amigos escritores, suas observações.

Confesso que a magia do dia começa com os lápis que escolho para desenhar qualquer coisa que me inspire a poder ilustrar meus livros. É meu lado pretensioso. Todo cavalo quer ter corpo de Aquiles e pelo lustroso negro brilhante como bálsamo de Lua.

E enquanto não decido, vou criando mais pastas de ideias que jamais conseguirei concluir. Assim vivo. Café de ilusão e sonhos amanhecidos em pão dormido, com sono bem melhor que o meu.

Mara

PS – Era minha intenção me furtar a cor, porque o que se diz uma vez, é importante, em tudo moveu verdade, mas nossas consciências são sempre parciais.

Era intenção não oferecer, não repetir alguma aresta que ardesse aftas. Aftas doem e não se explicam.

Brilhos eternos de Bowie

|28 Agosto 2017 17H Música: Space Oddity – David Bowie

Continuo a amar seu olho de vidro
Bowie, dentro dos labirintos de brilhos
Perco meus passos
Visto uma blusa de arrepios com sua
_ voz encantada
Continuo a amar sua
cortina de marfim
nos dentes incríveis do seu
sorriso Bowie, com
os veludos que sonho
amassar com as mãos
e torná-las cor
de almofada

Continuo a viajar nos brilhos
diferentes de cada um dos
seus olhos
e me vestir com cada
pintura e cabelo
nos sonhos que me
enlouqueço

Bowie, continuo te
amando nas músicas
nos momentos dos meus absurdos
eu sei que você entenderia

Continuo sonhando com
suas visões de mundo
com seus acordes de voz
cantada em Marte,
avermelhadas com olhar
difuso de luz

com consciência de loucura
e bebo de insensatez
por tudo que não me satisfez

Continuo amando seu rosto
Bowie, me venha em
constelação, dançar e
jogar o mundo nas
mãos de anjos

Bowie, vou esperar ouvir
suas novas músicas
no jardim secreto
de plantas esculpidas
e quando escrever vou
lembrar seus sonhos

Mérito à Jeanette

Sol de lascar, nas margens do lago, 29 de agosto de 2017.

No momento enquanto eu caminhava, uma série de pensamentos eram colhidos e reunidos de modo a sentar comigo e contemplar essa serenidade agora.

E como faz sentido, aliás sempre, eu quero dizer porque as pessoas em geral têm sido tão críticas, e que possa não parecer que eu tenha uma percepção tão boa.

Sinto-me afortunada porque conviver com alguém de coragem, não é só uma questão de exemplo, mas uma semente de esperança que nos impulsiona e esta energia é trazida também aos meus filhos.

Eu tenho mais do que gratidão.

Minha sogra, eu posso dizer, não se omitiu na ausência de minha mãe, esteve ali firme, sendo sempre uma referência familiar.

Durante os anos, mais do que atitudes gentis, quitutes, infindáveis esforços, e o que dizer de uma busca de inúmeras atividades que lhe concedem um tipo de sabedoria congratulada pela vida e não por quadros vazios de diplomas.

Se há uma coisa que todos vemos é que nunca dependeu de oportunidade, seguiu a vida nessa fé e coragem, juntando as artes, conhecendo e estudando mais do que qualquer pessoa que conheço.

Este não foi um esforço de vaidade, mas aprimoramento que em generosidade entendo que faz às pessoas um exemplo.

E em relação à família, eu me sinto feliz relembrando momentos, os vestidos feitos com esmero e carinho às minhas filhas. Coisas que me ensinou e se a vida no dia a dia não permite, quero dizer agora. Que soe como uma rosa dada sem arrancar do pé.

Tenho referência quanto ao exemplo mais vivo do que é uma superação. Queria dizer isso, faz tempo. É exemplo a todos nós, tanto de uma pessoa que se reconstruiu como uma pessoa que promove *Re-unir* a família. Por vezes, não soube entender, por vezes eu presa em minha própria tristeza mediante meus problemas fui egoísta e não tem mérito.

Mérito é você estudar as coisas sem medo, esforçar-se e não se acomodar nos tempos maduros da vida, como outras pessoas que se tornam taciturnas remoendo e reclamando, sem mover uma palha pelos outros.

Eu sou grata ao seu exemplo, já que meus pais partiram, tenho certeza que tudo que fez por nós foi útil, foi de bom coração, até mesmo uma dádiva.

Não falta gente nessa vida para pôr as pessoas abaixo e sempre penso que você teve atitudes tão simples e incríveis para termos no nosso coração uma certeza de esperança.

Nas diferenças acho que tudo foi brando, eu procuro sempre pensar na virtude da sinceridade, e este é um ponto que admiro. Por mais que às vezes ouvir seja duro.

Dona Jeanette, a brava Dona Jeanette, brava no sentido italiano da palavra, constitui um abraço querido nos nossos filhos. Isso é uma benção.

Não costumo mencionar certas coisas, neste caso, quero realmente dizer que existe em cada pessoa um ponto de luz de Deus no coração, no seu, essa luz semeada se expandiu e sei que a vivência foi sacrificada. Você foi luz nos momentos que mais precisamos.

Por mérito, se eu pensar em estender um tapete vermelho de honra e dignidade, é para você, digo isso realmente de coração.

Meine tiefste Dankbarkeit. [5]

[5] Minha mais profunda gratidão.

Carta verde amizade

|25 Junho 2017 12:30 | Trajeto: Av. Paulo Izzo, Av. Santana, parada próxima à antiga Cooperativa agrícola, Retorno pela Av. Santana, entra pela rua adjacente ao centro comunitário Jd. Maristela. Bambuzal e sobe à Av. Paulo Izzo.

Toda vez que vou escrever, sento, escolho caneta, cor, caderno.

Hoje, preciso um início adverso, eu nem estava com disposição ao passeio, de certa forma habitual de Domingo, mas a luz estava em sua forma rara e fui.

Meu momento de sol das onze, fiz mais paradas no passeio do que de costume.

Uma foto da paisagem especial no fim de minha rua. Banal, porém houve em mim a urgência de guardar algo que pode ser subtraído quando menos se espera.

E minha visão estava arrepiada, talvez porque eu estivesse combalida, estivesse sensível ou agredida de tudo e tanto.

Bem mais que uma árvore florida.

As painas estavam novamente caindo. Era uma neve especial sobre alguns gramados, tal qual a neve sobre o piano que é uma capa de disco

que eu tive tanto amor. Então, eu estava exatamente nos mesmos lugares, mas mergulhava.

Nadava por entre as painas que desciam suaves de árvores que não sei, eu temia que entrassem em meus olhos como ciscos.

Pareciam seres submarinos pairando em mim, como as minhas partículas de sentimento emanadas.

Pensei na calma que eu precisava, na suavidade que eu precisava comigo mesma. Mas me vi pedalando na descida para sentir o vento.

As painas me acertavam, mas somente eu estava sentindo isso.

Certo lugar, resolvi parar para atenuar um tremor que senti de fraqueza, de tensão, de dor, sei lá, eu saí do hospital e os remédios devem demorar, mas eu ansiava estar mais preparada.

Neste parar, comecei a beber uns goles d'água, e mesmo no sol intenso, fiquei admirando o lugar, tomada de sentimentos e palavras, no piano ao fundo do '*Noturne in a Minor* 'magistral do Chad Lawson.

E caí em mim. Estamos exatamente tendo o tempo breve do Veranico. Sim, é o tempo perfeito.

Tem o calor brando, tem a luz do Sol mais amarela e o verde da esperança fica tão aveludado na planície que desce até um grotão emaranhado com o que sobrou de mata de beira de rio.

Umas árvores frondosas, com diversos tons mais escuros de verde e reflexos amarelos em arbustos e pé de mamona.

Uma cerca de arame, permeada de estacas velhas de madeira, com rachaduras e lascas perdidas.

Meu olhar foi se alongando. Eu permaneci em músicas.

Não posso descrever em gerúndio, porque ele é idiota que não percebe que cada instante que ocorrem inúmeras coisas lindas que nem se percebe.

Eu senti solidão. Sente-se solidão de pessoas, as que gostamos, nem mesmo quando não se é solitário, a solidão as vezes é linda, contida em lágrimas que devemos derramar quando vemos as coisas mais perdidas e entendemos a vida d'outra forma.

Tive quase um paralisar olhando e notando borboletas amarelas deste Veranico. Elas eram duas. Percebi que havia outras além destas que margeavam a copa das árvores adiante na Avenida Santana.

É sempre meu lugar de andar e sempre tão diverso. As borboletas apareciam e desapareciam imergindo no mato crescido, verde, totalmente iluminado de sol a pino.

E quanto mais ficava, mais adiava a ir-me. Sabia que não poderia passar a limpo tudo que minha alma rasgava e saia voando com meu pensamento.

Pensava procurando ver o número máximo de borboletas e havia algumas de outras cores. Vi cinco.

Somente ao se ter essa entrega com o lugar, você começa a viver junto diante de tudo.

Em sempre. Em dias. Em momentos. Eu sempre buscava trazer por minhas mãos algo bonito para lhe enviar e era amizade. Eu pensava feliz com todo esse verde, com a noção exata que segui a trilha de formigas de Exupéry, eu fiz para cobrir com carinho, uma coisa diferente que falasse em um idioma que fosse completamente desconhecido.

Sobretudo era para que uma luz dessas pudesse ser levada como se fosse um fogo protegido de uma lamparina para dias de tempestade sem luz.

As ideias são assim.

E só porque me entrego em alma, voo junto, é que percebo, lá no fundo ao longe havia borboleta. Acima de mim, que estava do lado oposto da rua, uma sobrevoou e confundi-a com uma flor. Um girassol de mato, exato como uma frase da carta em envelope guardada no caderno que enterro coisas que seriam cartas felizes. Eu iniciava dizendo amar esses girassóis que são flores eclodidas neste mês por todo lado, ignoradas por todo mundo mexendo em seus volantes e correndo com os carros em sua inutilidade vazia.

Eu percebi que uma borboleta voava entre o segundo e o terceiro arame da cerca, linearmente em seu batimento.

Percebi o ar trêmulo da irradiação solar emanando o suor da terra no aroma silvestre que consigo sentir.

Ah, como eu gosto disso! Pude observar longamente porque me esqueci simplesmente com a pele tostando nesse sol, nesse ar singelo, com as músicas fluindo grotão e eu ali.

A música 'A ilha dos Açores'[6] marejava meus olhos, minha vida sofrida e tudo aquilo me falando de amores impossíveis e os possíveis.

As coisas que eu queria e larguei, as coisas que ainda queria viver, as impossíveis e possíveis.

Toda a poesia do 'Pequeno' vinha com o movimento de uma mão invisível de brisa, tão tênue que eu notei somente tempos ali.

A dor terrível da abstinência de quem amo foi coberta desse tocar, o vento moveu um fio do meu cabelo, as árvores moviam um bailado próprio de cada uma numa sequência por onde essa mão tocava.

As borboletas estavam no topo da árvore, elas desceram em um corrupio e sumiram nas grutas escuras da árvore. E havia um estado imaterial nesse olhar fugaz da vida. Finquei o pé e permaneci o quanto pude.

Carros correndo passavam ignorando. Olhares de incompreensão sobre mim.

E quando tive fé na sua amizade, tive um contemplar. Eu tento aceitar que um minuto de reconciliação vale, mas meu olhar via e por mais que eu tenha enviado carinho, tantas respostas ficaram não sei onde. A música dizia '*Tout Devient Possible*'[7].

Mas, neste interlúdio, nesse viver, o abraço da música, do vento, e da luz não conseguem substituir um bom momento de amizade, mas traz uma espécie de *déjà-vu* ou um manto sagrado de lembranças válidas, com significado que tente representar um dia assim, tal qual o soneto

[6] 'A ilha dos açores' – música portuguesa de Madredeus.

[7] 'Tout Devient Possible', música francesa de Jenifer – Paradis secret.

'*Perfectio'* do Veranico. E justamente porque o dia quente se intromete no decorrer dos dias do inverno e relembra a possibilidade de uma nova primavera.

Eu amava muito, sempre fui assim, tanta coisa queria contar, mas sabe, essa coisa de que se vê o plano cartesiano, com tão pouca diversidade de variáveis, tem tudo oculto por este tempo, na natureza, que meus olhos brilham diferente percebendo versos da música Manto de Água, sabendo que não seria capaz de dizer toda aquela luz divina que me aconteceu hoje.

Quanto estamos nos fazendo perguntas erradas, procedendo vazios, apegadas a velhos conceitos e dilemas?

Cada vez mais que tento compreender, categorizar como se pudesse catalogar sentimentos e julgá-los...

Quanto se perde de viver.

Se eu não ficasse, não veria o voar alterado e o bater de asas da borboleta procedem diferente após seu encontro em voo.

Notou alguma vez as formigas se tocarem umas nas outras como se estivessem se saudando, passando e marcando o trajeto de sua trilha? Percebe que as desgarradas buscam outras formas e alimentos e sacrificam suas vidas em busca?

Eu penso se alguém poderia ter feito o que eu fiz em cartas, mensagens e vinho? Alguém poderia? É que eu tive tanta coisa a dizer, tanto tentei recuperar a amizade como se isso pudesse me salvar. Pudesse fazer a vida melhor.

Como se o livro *El Principito* fosse de amizade, bem da verdade, não se tratou nunca de amizade. E o invisível era o impossível. Tive que compreender todas essas camadas de folhas secas, como se a vida pudesse ser imortalizada nisso.

Tanta coisa que coloquei reais significados de amizade, por onde se dizia ser o caminho de sol de amores possíveis. Sou tão pequena diante de tudo e de toda beleza da vida, que só percebo isso agora, todo esse 'eu lírico' que fica mudando e camuflando as cores.

Ouvindo a música '*Snake Eyes'* do Ryuichi Sakamoto me imprime uma sensação opressora da presença de tudo no meio do campo, esse ar da minha terra que entra em minhas mãos, não se perde como painas, nem areia, nem água. Fica apegado ao suor, às lágrimas de comoção de amor ao som do piano.

Do que posso viver, mesmo com meus temores, meu sofrer, a angústia de perder algo importante. E ao mesmo tempo esperar no verde mais abundante que me venha um neto ou uma neta, para me reviver esse carinho imenso que sempre senti.

Certamente um dia quero ver esse momento seguir, ver esses descendentes se tornarem flores, serem adultos e poder contar nesse idioma algum mistério que não está datilografado.

E vivo esse momento, sei que as partículas de amor, são esses seres etéreos que sobrevoam.

Certamente eu vivi algo sob o ponto de vista de lutar com todas as forças para recuperar a amizade.

Não me importo mais com a classe etimológica do sentimento, só me importa a vida, suportar minha dor das perdas, viver meu idioma e dizê-lo a quem eu considero que aprendeu um pouco dele. E no fim das contas eu plantei boas esperanças e idealizei coisas que podiam ter significado das espécies nem descobertas da natureza.

Quando decidi que podia voltar para casa, senti uma emoção que me descompassava, vi flores amarelas que quase confundi às borboletas que eclodiram neste breve veranico, eram flores de sombra amarelo canário que pareciam uma festa de natal de julho.

Segui percebendo as partículas do ar, tais quais a cinzas volantes, que só o vento decide onde as irá repousar.

Enquanto eu voltava, tanta coisa desapercebida me viveu, senti uma feliz lembrança dos patos no lago que não existe mais. Vi a cor de cobre vermelha e brilhante da poça d'água, vi a nascente e um caboclo inclinar-se a beber dela.

Um dia especial por trás do morro do Saci.

Venho tentar dizer a você, senti esperança.

Boca Maldita cheia de algodão

|09 Outubro 2017

Que terá sido
quando a salvação
é só um algodão
em beira de rio

Meus pés, meus calos doem
Quantas bocas malditas
foram cortadas na espada
do perverso cinismo?

A queima da comida
à queima roupa
queima da boca
não se pode proferir

Que terá sido
quando a pureza for extinta?
Não se poderá dar carinho
sob os olhos da perversidade

E se boca de Boccacio, Velázquez
se boca de Rodin, Kuczynski
se boca de Lorca
tivessem nascido costuradas?

E quando uma crença profanar outra?
A quem rezaremos?

Sob mesmo teto
as mentes que abusam
crescem máscaras
más caras

Que terá sido
com a morte da água
com o confisco do ar
Que terá sido
na escravidão do medo
ser confundido com bandidos
ao entregar flores

Que terá sido
das carnes desrespeitadas cedo
dos casamentos infantes de dor e morte?
Que terá sido das espadas
que para garantir a salvação
matam sem julgamento?

Pela boca maldita
Peixes envenenados de chumbo
Mentes alienadas pelo medo
escravizada do consumo
da aparência

Nos mesmos tetos
Morre amor materno
amor paterno morre
Abuso de meninas
por seus irmãos impunes

Mas boca maldita
Só é sabida calada
nos calos da vida

Crianças vendidas
mulheres escravas em filmes pornôs
Vídeos de sexo violento
na tela do celular
Cenas de violência doentia
permitida ao sabor de Coca-Cola
E músicas gospel em mim

Que terá sido
da criança morta espancada
por familiares?
Que terá sido
o atear de fogo
e imagens destruídas?
Se fosse bandeira incendiada
novos cristos crucificados?

E se uma *ong* [8]der dinheiro sem juros?
Boca maldita
lei proibida

[8] ONG – organização não governamental

Em nome de liberdade
liberdade ferida

Os pudicos de revistas pornô
Os pudicos de assédio
Os pudicos de pedofilia religiosa
Os perversos quem são?

a boca maldita
a boca da crítica
ou a boca que pede
fazer o gol, louvar a Deus e não pagar o fisco?

O dedo que aponta
declaração de IR
pintada de branquinho
A propina do tonto
A fraude da inteligência sistêmica
Maquiavel é príncipe
Boca maldita ou
Boca de lobo?

Os versos de tantos
logo vão estar proscritos
E crianças abusadas
continuarão indo à escola
vestindo marca
ostentando medalha
ostentando conquistas das
frustrações paternas

Boca maldita
A Frida não tinha calo
tinha ferida
ferida de morte da pureza antiga
no fim
armas frias são lícitas
e a arte morta a sangue frio

Que terá sido
depois da morte da água
depois da morte do dia
ainda haverá hálito
embriagado que atropela e mata
regado a energético
tóxico de mente poluída Tietê?

Esqueci, ele não lê.
Tá vendo vídeo enquanto ao seu lado matam um bebê

Carta a alguém do *Vivarium*

|01 Outubro 2017| Dedicado a uma pessoa real, que passa momento de enorme dificuldade, que eu desejaria imensamente estender a mão. De verdade. Desculpe minha prepotência.

Atibaia, 1 de outubro de 2017. 10:24 H.

Provavelmente eu possa tropeçar nas palavras, já que o que eu pensei ontem, dificilmente lembrarei das palavras exatas. Mas meu pensamento esteve desde que minha filha falou. Eu, não conheço alguém. Mas, compartilho das andanças, que tal qual dança pode distrair os olhos.

E é importante, eu escrevo, com uma razão profunda de mim, que não posso explicar. Ah, eu tomei tantos tombos, passei por um monte de coisa, hoje, minha caminhada está para andança em deserto. Asseguro a você, eu fui alguém que já esteve esquecida no *leprosarium*. Pois, lutando fervorosamente eu me exauri de tentar aplacar dores profundas, mas por questão de justiça não me permitiria permanecer no *leprosarium*. Ah, nisso vou me permitir as fugas que encontrar.

Mas saiba, nós temos um armário, que precisamos arrumar, guardar só o que presta. Então, minha querida pessoa, olhe atenta agora. Vai pegar essas coisas vis que machucam, vai rasgar, uma a uma dentro da visão que vai imaginar dentro dos seus olhos. Agora é a hora certa. Com sua mão soltará os rasgos na beira do rio agitado que vai levar embora dissolvendo.

E cada vez que lembrar, vai pegar no seu armário uma visão, recordação, imagem feliz, que nem que imagine hipoteticamente, pense em tudo colorido e fresco, ar ensolarado, brisa morna. Essa imagem é seu talismã. Chave do *Vivarium*.

Agora, que nós duas fazemos parte do *Vivarium*, do *Arboretum* lindo e de incríveis *Viticetum*, *Pinetum*, *Fruticetum* e seja um *Paludarium*, fazemos parte e jus! Então eu resolvi depois da enésima depressão que ia vencer e ter meu espírito livre dentro do meu corpo de 50 anos. Meu próprio suor borrou a letra, me perdoe.

Agora eu estendo a mão, minha morna mão direita, você sobrepõe com a sua mão e eu cobrirei com minha mão esquerda. Vai passar o calor, com raio de sol morno de praia. Venha! Venha viver nesse *Vivarium*, tem coisas e seres lindos que você vai agora passar a perceber todo dia. É, eu estou pedindo e convidando para que você, alguém, venha participar das cores que vem alimentando minh'alma. E eu permito esse devaneio concretizar essa via de liberdade, eu alimento essa boa loucura da minha parte, e me deixo correr, andar descalça como

se pudesse ser uma praia que eu não vejo de verdade há onze anos. Mas eu a respiro.

Você tem essa vez, você tem esse lugar. Abre a janela de verdade e se entristecer e os problemas forem empoeirando, saiba, dá para tirar a poeira com calma de cada um, de cada vez. Não me amofino. Eu abri minha falência, há quatro anos que não posso passar um cartão de plástico na maquineta do consumo. A tinta violeta, que está no fim do tinteiro que faço questão de usar as últimas gotas para o significado 'Ametista' que me ajudou. Transformação. Eu fiz feito prece, segurei minha pedra, meditei, me pus a andar no parque, escrever, desenhar.

Abandonei carreira de analista de sistemas, que já me abandonara, sou escritora, de palavras de gaveta, de cartas, de caneta, de gravuras, metáforas e me permito ser eu mesma e ver tudo o que sou doeu pacas. Mas é. Estou bem e ótima que seguro sua mão pele etéreo meio literário, sem tempo e lugar. Minha mente cura sua vida, é meu pensamento firme e profundo como a irradiação do Sol. Vem, vem agora pra essa luz. Nisso você pode acreditar. Pare para perceber cada coisa, um pássaro, um ninho, uma árvore, nuvem, ar, muito ar. Nossa que brisa. Ai, errei ao escrever.

Sou assim. Penso rápido, mas decido devagar agora. Isso, dê seus passos e eu estou olhando no seu olho. Sentiu? Você franziu e olhou estranhamente como se eu aí estivesse, sabe aquele momento da 'história sem fim' que o menino escuta a voz e entra na história? Eu disse história? Ah, porque nesse caso estou falando olhando nos olhos bonitos de uma pessoa real que está lendo. Estou aí! Para você vir comigo no *Vivarium*! Sim, é permitido. São 10:58 de uma manhã linda, faço isso por uma razão de paga de minh'alma. Viva o *Vivarium* e terá valido cada minuto.

Não esqueça: imagem bonita sempre.

Com amor.

Mara

30

|22 Outubro 2017 18:30 Música: Closer – Gary B| Vide verso da página

Talvez quando anel passasse
se passasse à minha mão
a sua salvação
Minha vida foi colocada
Entre seus dedos
esgueirou
Quando o relógio
rebrilhou
entendi nas páginas
por você impressas
a mensagem que sempre
_ me omiti

Momentos únicos
eu sei que estava ali
a me ver dormir
a me ver restabelecer
carinho da sua quietude
um jardim reluzente perdido
_ nos meus sonhos

Me trouxe rosas vermelhas
Me trouxe água fresca
Me trouxe risos impossíveis
e crianças para o berço

Era menina. Era mãe
Era loba. Era algo
diferente por você

Hoje este lugar
estou nele por você
Hoje nossas crianças
estão em mim

por você

Estivemos no que predisse
Eu sabia as marés
Você não sabia as correntes
Era barco
Era o marco

Não tenho agradecer
Só beijos de chicote
ardente
Sabe o que sou
Não soube como pode aguentar
Mas somos força
somos mar
E nele não podia terminar

Ah meu querido
ainda bem que viu
os universos
as eras
as horas e soube me ajudar

Minha vida entre vidas
Maternidade
Sinto o sorrir porque
frutificamos
ficamos por mais
que os corações
se encham
de saquê
derivas
estivas
nos horizontes com você
foi meu viver

Posso dizer que é um texto criptografado, considerando que há sentidos duplos em vários versos. "anel passasse", é uma referência à brincadeira de infância, pois sabemos que frequentamos mesmos locais em mesma época, quando eu ainda era criança, mas significa também o passar do ciclo, da nossa união. "se passasse à minha mão" é referente ao ato de receber amor e também o que se passa em meus sentidos na nossa relação amorosa, desde o princípio.

"A vida ...entre seus dedos escapou", quero dizer sobre as questões de liberdade, de termos sentimentos a outras almas nesse mundo, quero dizer das tantas crises pelas quais passamos.

"relógio rebrilhou", há o sentido duplo, não chamo de dúbio porque não é dúvida, é sobre o restauro do relógio que ganhei de mamãe e sobre nosso tempo, sobre o tempo de vivermos, nos reunirmos após minha jornada em SP, nessa convivência próxima de compreensão e também de árduo esforço sem grandes pagas.

"entendi as páginas", são duas coisas, a minha constatação do amor que teve, em realizar para mim o sonho de livro, naquelas pequenas edições impressas na sua serigrafia e entendi as páginas é entendimento do viver, do amor recebido, nas formas diferentes manifestadas por cada pessoa. Nas maneiras que cada uma consegue expressar.

"me trouxe rosas vermelhas me trouxe água fresca", refiro aos atos e ao seu significado, onde coloca muito de seu jeito de me cuidar, de ser meu protetor.

"era menina. era mãe.", são o sentido duplo de eu ser tão nova quando me tornei mãe, e é menina é o nascimento de nossa primeira filha, nossa conversa no momento que saí do centro cirúrgico.

"hoje este lugar estou nele por você", significa que o mezanino, meu lugar de escrever e criar, por tanto tempo imprestável, foi projeto de meu esposo, foi um sonho duplo nosso de termos um observatório de estrelas, foram atitudes este ano, que juntos fizemos enquanto eu me recuperava do ano 2016 que foi uma depressão das mais severas.

"Nossas crianças estão em mim por você", são duas coisas, nossos filhos hoje são grandes flores e luzes na minha vida porque meu esposo esteve junto nesse sonho, e nossas crianças estão em mim, significa a pureza infantil que não deixamos morrer, as crianças que trago nos personagens do livro de dramaturgia que era para ser infanto-juvenil, mas já não sei.

"E nele não podia terminar", são duas coisas, o mar que quase o levou na correnteza para morte, e no meu mar tempestuoso de consciência além vida, que quase me afundou.

"os universos as eras..." representam a consciência esotérica de meu esposo, e o quanto essa compreensão nos ajudou e foi por ter mente aberta que estamos aqui hoje celebrando nossos trinta anos de casamento.

"corações cheios de saquê" quis dizer das situações que entraram na nossa vida, coisas imprevistas, sentimentos advindos de experiências de vida complexas que nos exigiu maior elasticidade

"derivas e estivas" quero dizer das minhas situações sentimentais e do meu esforço, bem como quero dizer do desdobrar dele no entendimento e sua razão a me contrabalançar como o cansaço extenuante de lidar com os problemas que nos afligiram.

Este é mais um de meus textos que costumo chamar de estenográfico.

Fui ali por uma água

|08 Outubro 2017 18:20 domingo

e
que eu fosse um torrão de açúcar
que se desmanchasse n'água
descesse escorrendo desse nunca
sumisse em uma mágica
desaparecesse em uma nuvem
em uma palavra eu me salvasse
apagada na penumbra

Inscrito escrito no coração

|08 Dezembro 2017 14:50 a 15:29| Chuva de verão | Músicas: Voices Have Eyes –Eccodek | Так нежно- Like.A | Rodnoi – Tamerlan | Сотри Его из memory –Victoria Daineko | Nas Ne Dagoniat – tATu | Берегу– Egor Kreed| Do caderno p&b | Acróstico

Fogo sufocado no vácuo
Entre dedos movidos tenuemente
das extremidades dos cabelos
das palmeiras
Letras indecifráveis deixavam
cinzas do extinguir do
tocar da brasa
em caligrafia orquídea
Ingênua afeição germinada
nos arabescos prateados
de anéis que adornavam
pernas aracnídeas

suaves empunhavam
os ventrículos
entorpecidos de sonífero
Coração revestido de
cartas de nossos
demônios, vestido
de pele de caranguejeira
em sonâmbulo pulsar
do aprisionar do sentimento
Inverno fragmenta papéis
em folhagens dos bosques
do sangue dos batimentos
da insensatez
Amar o amor nos
musgos, nos ramos do
bico do azulão, no
tecer do ninho,
na força implodida
do amanhecer
É tempo, penso no argumento
envergando à vida
no sangue que passa
Minhas folhas voam pelo
chão, pelas minhas mãos,
e desintegro na solidão
do silêncio emudecido
de amizade antiga
Inverte arterial e venoso,
aperta sua voz
contra o chão do não,
envolve-me na
mão forte que aperta
aperta como uma
manga sangrando sua
seiva
Necromantes diamantes
palavras
de acalentar

materno distante
escritas nos arcanos
maiores da cartomante
Há a dor que engole
percepção que foge
malogra, engana
o emaranhado que
aflora. Penso no
medo seu, trêmulo
em carne profunda
de me ver,
papel frágil a se
rasgar o meio da
sua face
Avolumados sentimentos
aprisionados em
gaivotas das pétalas
rosas serem libertas
em revoar estourado
nos céus das suas
bocas
enevoadas de
salivas de crepúsculos
dos universos bordados
nas escritas cuneiformes

Arrebentar-se-ia na
força da vazão
frágil razão
torrenciais chuvas
Montanha adormecida
de todas as palavras
escritas, não proferidas
Afeto estrangulado nas
mãos do vento
à garganta do coqueiro
Dálias cerejas cabisbaixas
nas sombras

dos seus canteiros
Ainda perene, raia o
dia, escrita a ferida,
a ida, margarida,
batimento involuntário,
o amor de nossos
demônios de línguas
de fogo, unhas de
espada, de raiz
latente,
semente em dormência
inconstância
hiberna nas auras
do eterno
romance escrito
no sangue vinho
universos diferentes
acarinhados
por uma
tangente.

VERSO DA FOLHA

A VIDA NO VOO DO PÁSSARO, NA DISPUTA DO PINHEIRO POR AZULÕES – SANHAÇO, E PASSARINHO. BEIJA-FLOR VOA SUA DANÇA, PAIRA, FLUTUA DA AMEIXEIRA PARA A ÁRVORE, SE EXIBE EM RABO DE TESOURA. NUVENS SE AVOLUMAM.

EU NA REDE, CONTEMPLO A BORBOLETA, O ZANGÃO, AROMA SUADO DO GRAMADO, DEITAR DOS OLHOS AZUIS DA GATA, DERRAMO ILUSÕES, OS DELÍRIOS DO AMOR CONTIDO, PULSA A VIDA EXTERNA, CALOR DE DIA DE VERÃO E AS PALAVRAS QUE FORAM ESCRITAS EM MIM PERMANECERÃO, PURAS, UNGIDAS DOS CREMES DAS MÃOS, PERFUMADAS DA DELICADEZA ASCENDIDA, A VISÃO CLARA TANTO DO ROSTO ENLUARADO, COMO DOS OLHOS REFLETIDOS. TUDO ESSENCIALMENTE PERMANECE, COEXISTE COM MINHA MENTE.

E TODA FORÇA CONTIDA CRESCE, A SEMENTE BROTA, VIDA CRESCE, MULHERES DÃO A LUZ AOS SEUS BEBÊS, FERIMENTOS MACHUCAM, E O ETERNO SUBSISTE ÀS INTEMPÉRIES, ATÉ MESMO AO TEMPO.

AMOR INSCRITO EM INDISCRIÇÃO DA SUA CALIGRAFIA DE SEDUÇÃO POR (NA, DE) SUA MÃO.

Convit

|15 Junho 2011 8:20

Convidei o sol para iluminar o dia, este momento em ser.

Com os pássaros que furtam as ameixas em brotos.

Esperarei você, para um café, almoço, e vou acordar minhas xícaras com desenhos de rouxinol.

Ainda que vente frio, as risadas aquecerão em lareiras imaginárias.

Podemos combinar, que não falemos o que não queremos, eu não iria querer lembrar das perdas recentes, ainda, não nos faremos perguntas de por que.

Assim fica bem melhor.

Um café italiano irá perfumar com neblinas principescas, e se não for pedir muito, traga seu sorriso na bolsa.

Contemos piadas tontas, posso reaprender a falar e ouvir o que tem para contar.

Podemos passar geleias de surpresas nas torradas.

Ah, tudo que quero é ser feliz no vigésimo terceiro dia do sexto mês deste ano.

Se precisar desenho mapas de caça ao tesouro que a tragam em segurança por estes mares cheios de piratas ao meu lar onde escondo pote de ouro nas riquezas de ilusão.

Então, se não te parece bom, encomendo a presença das minhas filhas. Elas são duas flores exóticas a enfeitar a mesa e tem vozes de mel.

Ainda, tudo o que gostaria nesse dia seria de almoçar Alegria ao molho de quatro queijos com neve de parmiggianno regianno, com a presença do meu medieval soldado das cruzadas que protege o lar dos maus agouros.

Ainda, se quiser, brindamos ao vinho Celestial a amizade que nesta safra desta estação floresce após as tempestades.

Se quiser pode trazer um cachorro, ou um abraço. Mostro meus pratos de porcelana e a paisagem, leio sua sorte no tarot ou vemos as fotos engraçadas.

Se está relutante, façamos o seguinte: tire na sorte. Pegue lá seu dado vermelho com bolinhas brancas e jogue para decidir.

Se sair três eu ganho, porque é meu aniversário. Se sair seis eu ganho porque é duas vezes três. Se sair números pares dois e quatro, ganho porque somam seis. E cinco - ganho porque é o número de pessoas na minha família. Se sair um você ganha e fica consigo mesma na tranquilidade longe do furdunço de uma família italiana.

Se te parece desequilibrado é que em dez anos a sorte não me favoreceu muito.

Decida. Ou fique com a ilusão deste convite ou torne-o real, apenas avise e te darei o mapa.

Verso da folha

Convite enviado para uma pessoa, que durante anos eu tentara recuperar a amizade, então em 2011 após meu pai falecer, eu ter perdido meu emprego, eu fiz esse convite, simbólico para um dia que realmente fiz acho que uma lasanha quatro queijos, tinha vinhos baratos e não o vinho Celestial produzido na Espanha, cuja garrafa me seduzia, mas nunca. Eu cuidei de tudo em segredo, alimentei as esperanças, que tristemente percebi quão tola eu posso ser. Por que as pessoas perderam a mínima delicadeza de saber dizer que não pode, dar um real motivo? Ou por que não aceitam e se aventuram em algo que certamente seria tranquilo e feliz?

Eu pensara ter ficado sem este texto, que eu gostei do conceito poético de realidade. Lembro-me de naquele fim de semana, estar animada e limpando os vidros com vigor só por ter um pingo de esperança. E sorrir aos filhos que estavam, com uma grande bondade de eles estarem comigo e me suportarem nos meus jeitos estranhos de ser.

Campo de trigo

|01 Fevereiro 2018 11:30 Retiro das Fontes | Caderneta de bolso Herbário

Passou, com um cortejo
de pequenos arranjos florais
no silêncio do brilhar
Andarei assim
com a florada em mim
mesmo que só se veja capim
atravessarei o campo de trigo
prestes ao alvorecer
beijos de mel
nascerão por você

Passou o momento
a longitude do acaso
águas guardadas no guarda-chuva

Passou meu brilho de amor
em meus lábios
comi desse vento
comi desse relento

demais que adoeci
esperando cartas que jamais recebi

Um cortejo de flor
o latido
o bater de marreta
óculos riscados entristecido

Mãos vazias
de amor recrudescido
amargas ilusões
desse purgatório infinito

O campo de trigo
atravesso a nudez
que queria sentir sua tez

Desejo esse momento
o libertar de voz
o amor me abraçar
pedir que meus olhos
repousem no desejo de ficar

Nascerão Sol e Lua
nascerá momento condescendente
e verei brilho no dente
Palavras que precisava
escutarei e ecoarão

Antes que não possa
Antes que não queira
Por favor diga
essa frase inteira
para me fazer existir
o calor nesta tarde

Suzana

|Com amor de mãe | 12 Fevereiro 2018 | Segunda de Carnaval | Pç do Retiro |caderno de couro azul

[Illustratio 1]

Pela manhã
um rosto avelã
um sorriso embebido
nas caldas doces
do bolo de cenoura em retangulares
pedaços – todos estes abraços
são eles em tênues echarpes de seda
brancas da sua alegre nebulosidade

Na tarde
Som emaranhado das palavras rápidas
uma cantiga de repente
Argumentações que me enroscam
todas as serpentes

Suas sementes sempre germinam
no sincero afago
na irritante rusga
no enérgico acaso

nos caules do riso divertido

Na noite
Penteia cabelos de fios de seda
de uma cor inebriante
do carinhoso castanho ao
cobre derretido em mechas de fio dourado
Olho amendoado que se aprisiona
nas obras de arte das asas de borboletas pintadas

Adormece seus sonhos nas sombras dos olhos
para todas as lindas manhãs

[Illustratio 2]

Carta mística

DIA 12 DE JANEIRO DE 2018. 11:32| (TRECHO)

Retardei palavras, me pus a ler sem ver as frases, meditei no dia que acerca em minha reclusão, num amanhecer fatigado, e um pensamento que de certa forma me esquivei, por momentos entendo quão bom é o ar que se pode respirar. E nessa questão, eu reflito, tanto no sentido que muitas vezes me equivoquei por aparências e minha ingenuidade, e de outra forma, por vezes que também errei, por investir tempo em coisas que fragmentaram em vácuo.

Mas, surgiram tantas coisas que eu monologava, tentava aproveitar as inspirações, mas inegavelmente, há coisas que eu deveria dizer, mesmo que não compreenda, não aceite ou não acredite.

(...)

E sobretudo não descarto que eu tenha uma mente triste que projetou em você, anseios profundos inerentes à minha psique.

E no final, no mar as águas se juntam, se espalmam, em turbilhão se levam, se deixam, se misturam, pacificamente, infinitamente, inerente ao destino, inerente ao acaso, em suas espumas, no estrépito das ondas, na sua presença curativa, o mar é uma forte analogia a vida eterna, nos ciclos e os mostra claramente nossa miopia, nosso óculos velho e embaçado, que passam muitas coisas desapercebidas, muitas oportunidades perdidas, muitos resgates que se perdem e às vezes não tem sorte de boiar, não tem sorte de ser salvo, ou de ter capacidade para salvar-se.

No fim de tudo, deveria tudo se encaixar, fazer sentido, ainda não sinto assim.

... nunca saberei, nunca saberá. Eu tenho ternamente em meu coração o que pode ser bom, o que poderia ter sido e o que ainda poderá ...

Despedida da Carta - Meu mundo literário

Despeço com uma abraço lento, morno, com carinho latente, com beijo na testa, com sorriso de alegria, através desta vontade de falar, estabelecer um encontro que há anos está proibido por você, sinta meu beijo no rosto, sinta o derredor com perfume, com uma completude que existiria, que a amizade poderia dar esses momentos doces de compartilhar a vida coisas simples, coisas boas, e se poderia ser mais, é uma frase para seguir com forte vento, com espírito dos deuses desconhecidos por nós pobres mortais, a imortalidade segue na arte, até que o fogo a consuma. E se o abraço pudesse durar os tantos que não tivemos? Quanto tempo duraria?

Carta Nascente

| Escrito direto no computador |Músicas: So lost in your love... Gary B | Loom – Ed Carstem| CANTATA n 16 – Chad Lawson | Minor cause – Emancipator

Dia 13 de Fevereiro de 2018. 14:45H.

Minhas pontas de dedos roçaram o teclado por um tempo procurando um rumo, desde um tempo, uma nascente emergida, não esperava ter que pensar em conter essa água, que nada tinha de ferruginosa, embora eu tentasse encontrar vestígios lodosos para poder enterrá-la.

Não, as coisas na vida tomam seu rumo, por vezes respondem à nossa vontade, ou de alguém, e por vezes, correm sozinhas, na manhã recém-nascida, nota-se o vestígio das cores da noite, nota-se a vontade do dia, que nasce, intensas cores quando as janelas do céu estão abertas e somos tocados por uma espécie de luz específica, com a essência da similaridade nua, com a pureza da vontade, mas o dia cala sua beleza, ofusca sua paixão arrebatadora inicial, afoga sua liberdade nata, restringe sua cor, que nossos olhos se desapegam em esmaecimento da nossa própria capacidade de ver longe, de ver profundo.

Eu confesso, roubei uns pedaços desse celofane, alguns amanheceres me deram a clareza mais profunda da junção de tudo, todas as cores formavam uma, era uma cor entre a púrpura e a cereja, tinha pincelada do coral, tinha tom de azul esquecido, tinha branco da estrela da manhã. Esse amor era dessa cor.

E lá estava Vênus, naquele momento específico da sua trajetória, nascia um pouco antes do sol, com sua cor única, que eu aprendi a reconhecer, um brilho que prometia a realização do profundo sentimento do coração, e sempre era luz, sempre era amor.

Eu não sei como não pude ver.

No entanto, nada foi inverídico, eu conto com tudo, mas sei que no amanhecer dos últimos anos, havia mais, havia o infinito que eu soube haver.

No entanto, as forças da física sempre se extinguem, elas correm, elas chegam a um lugar onde a força acaba, não havendo a inércia pura, ou o vácuo perfeito, mas essa sensação nunca teve uma foz ou um sumidouro, eu sei que as coisas puras contêm o mistério da continuidade. A vida é assim. Renova-se. E o sentimento renovado, tem todos os nasceres de todos os astros brilhando as cores que jamais vi, tudo simultaneamente, no dia que chega, na tarde que vai, no meio-dia, entre a razão e a lucidez, eu tenho as mãos limpas e com um tipo de movimento imperceptível, que é capaz de moldar coisas impossíveis, não é habilidade, nem vontade.

É um amor, incompreensível que precisa se dizer junto das vidas naturais que podem conversar entre elas, as palavras que eu não recebo. É um tipo de vibração como a música, capaz de arrepiar a alma, dar uma visão ampla e *exstática*, mas além disso, sentir que um sentimento tornou você mesma, é apenas o início do fim, é uma consciência específica que já não absorve aprendizado, é o momento do desabrochar perfeito da rosa.

Quando ela permite entregar de si, sua semente de vida.

(Guarda um tocar de carinho perfeito, frescor e calor).

Eu achava que este momento na minha vida, havia sido a concepção de cada feto que pari, mas não, porque agora, junto com essa consolidação é que até mesmo eles estão desabrochando, sem saber a consciência do coração. Mas saberão no momento misterioso da vida.

Eu não perdi ver as flores, nem o jardim, não perdi a chance de tentar expressar cada momento de significação, nem deixei de tentar fazer da vida, de cada momento, o perpetuar do amanhecer.

Não foram acasos, não foram circunstâncias, nem considero loucura, mas me felicito por não ficar presa e reprimida, sem o amor que sinto, aliás sem possuidores deles, os amores todos estão vivendo livres suas luzes extremas, eu consigo perceber a alma de cada amor, eu vejo o rosto e suas ânsias, conheço seus desejos, eu os liberto sempre a cada manhã, eu vivo esse jorro, essa debandada, essa revoada, o vento que me abraça e leva até você toda a graça, eu permito, esse brilho se estabelecer na pele de maçã do lábio, no sombrear da cova de queixo, eu permito que as palavras sejam eu mesma continuada e mesmo que eu sempre permaneça no universo imperceptível, eu existirei.

Eu sei que procurei por décadas você, alma de alguns de meus amores, eu sei que encontrei, exatamente ao conhecer, e os fatos às vezes dizem enigmas que nunca conseguimos entender, mas na somatória, os números podem dizer o suficiente para se fazerem ouvir no coração.

Dei meus olhos para as asas da borboleta, agora eles voam vendo por aí, dei o brilho de todos os meus beijos intocados, nesses brilhos dos reflexos, em tudo que se pode sentir vendo, em tudo que está aí, uma gota na teia, uma gota na ponta da folha, o resto de vida na folha derramada, o tremor da minha mão no respirar da água. Eu vou longe e além do que me foi recusado, além do que me fez sentir as profundas dores do rejeito, e é tão longe o impulsionar da força do amor que não há mais frenagem.

E há todos os tons românticos da luminosidade lunar, sua pureza azulada, sua pele delicada, um carinho indescritível do que foi recém pensado sem nunca ter sido possível, mas os devaneios ficam para as crateras da lua, as palavras que não puderam ser respondidas ecoam no lado escuro da lua, e eu desejo saber o que elas cantam, que música tem, o arrepio espontâneo sem explicação que parece ser um vivo alguém.

Mas o tempo acorda, restringe a possibilidade do agora, percebo meu sangramento, físico, emocional, espiritual, e do gosto que ficou do sangue na boca, o que eu senti, numa regressão, a que me fez decidir não fazer mais e não saber mais nada que remonte outra data. Eu penso que mereço (o) agora. Mereço ouvir a cantiga de ninar da sua boca, mereço ouvir a verdade, mereço o olhar fechado em distância de respeito, mereço o sentimento verdadeiro.

E tudo que merecemos, só é possível nas palavras que escrevo, as coisas mais livres da alma, mais livres do sentimento, essa sensação indescritível, ela só é possível na ficção, nas conjecturas e sensações extra-sensoriais e em universos proibidos, cuja fechadura eu destravo sem permissão, e percorro a trajetória de voo, percorro distâncias e transgrido regras e obedeço o hormônio do amor, sem pensar naquilo que fui, sou ou serei, apenas o momento, o momento mais profundo do calor humano, do amor humano, da existência infinita na hora do abraço, e do oceano, a cor total do que é o oceano.

Não sou mais um filete de água gotejante, não sou mais lágrima, nem catarata, nem cerebelo, nem um toque, eu jamais me permiti ultrapassar essa barreira, mas esta sensação acaba de ser quebrada, como um copo que cai, uma porta que se abre e interrompe meu estado de escrita, não importa mais dizer que amor, que amo, que amor existe, que amor persiste, que tipo, que amo de fato, sem contraprova, contragosto, isso tudo, sempre me traz na mente, algo que eu queria saber qual grau era, e não posso, me traz longe, ouço fraco em lembrança, mas como já li, eu sei, eu sei, cada um tem seu amanhecer, cada um tem os olhos que tem, as visões que sua mente permite além dos fatos, e cada um tem o tamanho que se permite. O que significa, que muitas vezes, aquilo não é simplesmente pouco. Pode ser o tudo e todo. Cada um sabe.

Eu gostaria de ouvir muitas coisas, das bocas que amo. Muito mais do que isso, mas só posso mesmo libertar meus pássaros, os bichos da seda, todos os desejos de amor, e o vento das ilusões.

Céu rasgado

|26 Fevereiro 2018 15H

Estou tentando ser eu
cada dia sem as vísceras do que me comeu
Estou tentando seu eu

em céu rasgado, em noite resfriada
sem café respingado, ou uma roupa mal costurada
Estou tentando ludibriar meu eu
Fazer de conta que não sou nada
ou que as contas eu possa entregar
como cartas de céus rasgados
um perfume que jaz decantado
em águas corridas fugidas nos pântanos

Estou tentando ser eu
em cada idade de lembrança
em cada cozimento fervente
das lágrimas que irei deserdar

Os desenhos irão ficar
As palavras que contar
contarão aos ventos que retiram de mim

Estou tentando ser e crer
Não é sobre você ou de mim
É sobre viver
e deixar para morrer só no fim

Estou vivendo meu eu
além de você, dos outros
daqui, do pouco
e desse muro Acapulco
Sou quem tiver que ser
não é o que quer
não é tampouco
nem vazio – nem permitirei
o afinco dessa solidão

Vivo meus direitos esquerdos
ambidestra vontade
coração forte curvas fracas
e olho de vidro
perpetuado no brilho

dessas palavras de amor

Estou tentando viver eu
comer das cinzas, me alimentar de ilusão
servir minhas cores
nesse prato redondo das chamas

A página G

14 de setembro de 2018. São 17 e 40.

Gi minha filha;

Você é uma página incrível da minha vida, mas não é uma página que começa e termina. É uma página que se escreve, que por si só diz um monte de outras coisas e é interessante, porque começou dia 31 de dezembro de 1987 e eu tenho essa certeza. E daquele momento em diante, eu tive uma coisa a mais, mas não era uma coisa. Também não era algo.

E nós somos melhores que as lacunas de um livro faltando. Nós somos os livros Gi! Nós somos os livros. Nós somos mais que um conjunto de páginas, de palavras e frases.

E eu acredito nas suas palavras. Eu acredito e dou fé. E mais do que isso, eu acho propriamente que você já tem esses livros em você. Eu tinha tam'ém.

Alguns livros eu não consegui materializar. Alguns livros eu escrevi. E eu queria (meu desejo) ver os seus também materializados. O seu livro também. E eu acredito tanto nisso, filha, eu acredito. Eu acredito mais ainda na sua capacidade, porque a sua capacidade é especial. E eu vi isso. Eu vi isso lá quando você era bem pequeninha. Eu vi isso também pelo fato de como você desenhava.

Então filha, é mais do que Eu te amo, nós somos livros para estar juntas dentro uma estante. Tá? Nós somos esses livros.

Nós não somos páginas vazias. Você não é.

E em algum momento a gente consegue. Não precisa ter afobação. Não precisa. É necessário, assim como fazer um plantio, ter aquele momento de preparar a terra. O meu demorou uns trinta anos - sabe tipo - Eu fico pensando que eu podia ter feito um monte de outras coisas nesses trinta anos prá trás.

Mas eu fiz os filhos. Que são livros. Que são livros que por si só dizem muita coisa. Que tem dentro de si um significado que eu posso interpretar. Eu posso interpretar.

É então, por mais que a gente chore, que a gente sinta, que a gente não controle a vida, que a gente não controle o que a gente queria da vida, das pessoas, a gente tem a melhor lágrima.

Sabe qual é a melhor lágrima? Você vai descobrir. É porque você já tem. A melhor lágrima é a sensibilidade filha.

É a percepção. É valorizar a pessoa. Eu sei que você tem. E é uma outra coisa que eu acredito em você. Tá?

Então, meu anjo, é meu anjo sim, é meu anjo. Eu tenho essa fé porque, independente de momentos, independente de personalidades, independente da liberdade de cada um, existe. Existem certas coisas que vem e brilham.

Sabe? Querida, ainda que a vida muitas vezes feche a porta e diga não e não seja aquilo que seja o melhor, tem umas coisas legais para descobrir. 'tendeu?

Eu não sou ninguém para 'tá aqui aconselhando, não, eu apenas gravei isto para que você saiba, para que você saiba, que você 'tá na minha 'estante'. E não é por um empréstimo, não é por uma palavra, não é por uma coisa, não. Não é por isso.

É por trinta e hum de dezembro de 1987. Tá? Aquilo é muito mais. Tá bom?

Então meu amor, você é meu amor tam'ém. Acolha isso.

E entenda. Entenda, meu coração é assim, cara. Tá?

Talvez não dê para entender e aí eu entendo, que tenho mais idade. Então, eu não quero alongar que esta mensagem já 'tá com seis minutos e é meu Shabbat eu quero fazer outras coisas.

E a minha vida é mais do que tudo isso. E a sua vida é mais também! É mais!

Esse 'mais' já está na sua vida. Acredite nisso. Não se amargure porque o 'mais' já está na sua vida o tempo todo. Tá ali.

E então eu adorei, eu adorei não o momento da sua formatura, eu adorei o momento do seu vernissage lá. Da sua coragem de fazer aquela exposição lá de fotografias. Eu acredito. Eu acredito em muito mais do que isso e que essas coisas vão transcorrer paralelamente também. Eu acredito filha.

Em alguns momentos eu fiz coisas paralelas, em alguns momentos eu não consegui.

Em alguns momentos eu estou aqui agora, 'tou aqui agora, 'tendeu? Tentando. Tentando, tá? Porque cada passo é uma pedra que perfura.

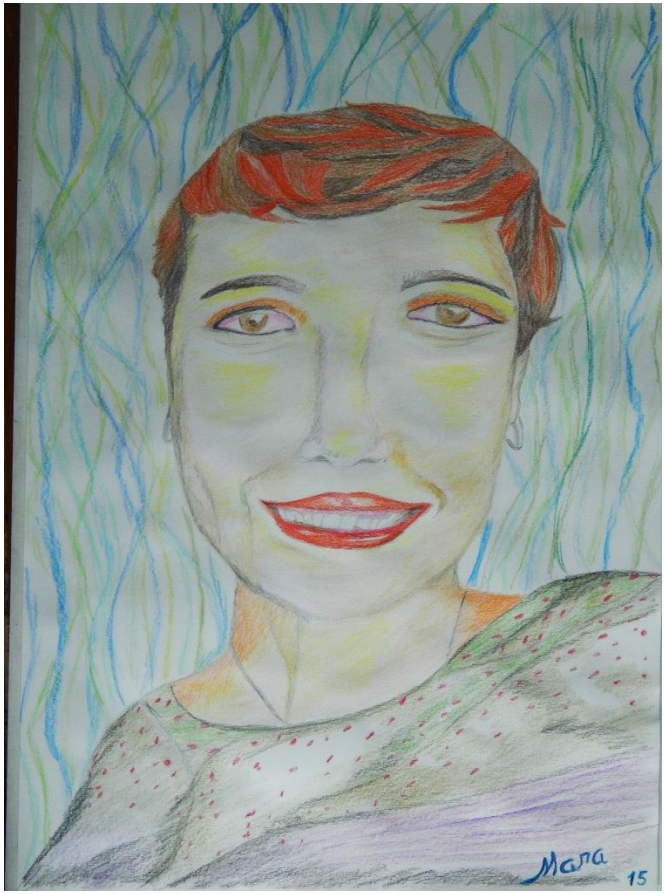
Meu amor, aproveite esse momento da vida, esse momento da vida tem uma coisa legal, esse momento para você ele está acontecendo. Não chora por mim. Tá?

Nós somos os livros Gi. Nós somos os livros.

É por isso que é difícil mesmo, que é difícil interpretar. É difícil. Nossas palavras são bem diferentes, nossas mensagens são diferentes, nossas vidas são diferentes. Mas nós somos livros na mesma prateleira.

Beijo – Beijo – Beijo

Se tranquilize. Tá? Vamos ter momentos mais tranquilos, com certeza.



[Illustratio 3]

Carta de uma pequena garrafa

| 30 Maio 2019 Atibaia Minha casa Mezanino Poltrona – 23:38.

Um brilho que se guarda em uma pequenina garrafa, cujo licor que reservei para meu momento, nessa espécie de cabine, onde os basculantes dão para o nada, como se eu tivesse estragado esse meu lampejo de ter esse lugar, que não cuidei de desenvolver de melhor forma, que tivesse uma sacada, que tivesse um mirante, um mastro que subisse as escadas do céu, que eu e a garrafa, pudéssemos então sermos os braços que se apoiassem mutuamente. E nessa cadência entre o piano, os diversos instrumentos de corda, a acústica aprisionada naquelas gotas doces ali, como um último caibro que se joga para manter viva a fogueira, dançando os véus nos ares aprisionados na garrafa, que sorvo seu oxigênio impregnado da fruta macerada e um desejo de voar nos céus num universo paralelo onde eu orquestrasse a música, que as danças fossem o caminhar das ruas, e o vento um spray delicado de água, que não se conhecesse o martelar, nem compasso de horas.

Ah, minha amiga tu me ajudas a ver este lugar, nem mesmo sei porque. Eu sei que é um universo que eu posso contar, mas nem tudo será absoluto, mas será verdade, nem tudo será inteiro, mas não será irreal, porque aquilo que a caneta escreve, propaga, e portanto, aconteceu na cabeça de quem leu. Já se é material, isso é polêmica para quem sente intensidades tão grandes, e ou tem percepções inimagináveis.

Eu saboreio os ponteiros dourados em suas pernas enroscadas do tango, em seu brilho e esplêndida precisão, me levando pelas mãos do tempo, que no final das contas não perco, pois faço dos sentimentos algo que liberto para se perder no espaço, nesse ínfimo tempo, mas que não consigo sentir o romper do dia dos lugares, assim, aqui nesse pequeno lugar, *embriono* as escritas que me deixam feliz, e exatamente desesperada, sabendo de seu ostracismo, e do quanto a sensação imaterial se volatiliza.

Por isso preciso perder as amarras que me prendem ao chão, eu sempre me liberto, mas sigo pairada no mesmo seio da terra natal. Ando os campos, sei as cachoeiras e riachos, grutas que comem as aranhas, plantas com cochonilhas imensas perdidas nos confins aonde as pessoas não se dispuseram ir, eu fui, ainda que medrosa, nas noites de verdadeiras ondas que encobriam o céu em vento forte, protegida por um para-brisa de cristal, como uma redoma ou uma casca de ovo, em imensidão da noite que engolia as vozes, as definições dos rostos, do chão que nem se via a pisar, entre sinuosidades ásperas.

Sentia-se os gritos do pender de grandes árvores que eram enfrentadas pelo mau humor do inverno, com brilhos furtivos de cães de mato,

um lobo uivante, onde nas brechas abertas como cortinas, se via pipocar luzes em efeito miragem, das cidades circunvizinhas. Luzes brancas e laranjas vibravam uma serenidade úmida, e tudo que se podia ver de perto, eram partes alvas dos olhos, que sumiam nas intermitências de piscar.

O vento que se abrutalhava, sacudia os tecidos, chicoteava os cabelos, nas durezas da pedra granítica, as fogueiras se desfaziam em minuto no vento, suas faíscas revoavam e desapareciam. Nada restava, apenas os pingos regelados de uma chuva, dando brilho do medo, e raios que com uma machadada de faísca fatiava uma árvore robusta em dois retorcidos pedaços.

Apressada, me despedia da imensidão livre, enveredando a estrada intrincada enrugada de erosões e enverrugada de cascalhos soltos, sem freada que contivesse da íngreme descida, em braços ébrios de olhos pregados na atenção dos focos do farol rebrilhando os pingos inclinados de chuva, com corredeiras subitamente inchadas de água espumada e enraivecida, fomos tracionando lentamente os pneus, contendo os escorregões daqui e dali, aumentando torque nalguma subida, temendo de soluço de assombro que por ali encalhasse.

Mas curva a curva, ladeira após ladeira, em nauseante retorno na madrugada alta, como um cavalgar diligente, e vestidos de alívio quando adentramos as luzes de postes na beira fronteiriça com o olor urbano de enxurradas encaminhadas em organizadas valas.

Assim uma noite adormecemos o Sol poente em vista que tento reconstruir de inúmeros eventos esparsos, assim por dizer diversos anos entre si, mas que as impressões do mirante esparramado da montanha, para nossa terra que ainda era mais viva que morta, me alegra os brilhos do meu olho que se condensam na garrafa com metade do licor de jabuticaba, com o qual me distraio as queimações do esôfago.

Sinto falta da risada, sinto falta do olho, sinto falta do cimo mais altivo, dos horizontes que se apropria sem permissão. Sinto falta do vento de qualquer tipo que me rebata naquela sensação do silêncio do céu próximo, sinto falta de me deitar para o céu e mais nada, naquele acolhimento indomável ou inato.

Ainda que posso por vezes olhar com olhos e me imaginar lá, tão próxima quanto eu quisesse estar, sem mais ninguém que não eu, para sentir algo realmente incrível.

Por frestas sabes que basta se dar os passos e ir, como se fosse logo ali.

Minha querida amiga, eu queria não estar confinada em condicionantes, nem que as impurezas tivessem maculado nuvens do céu, ou a amplitude da visão.

Tantas outras coisas seriam sentidas se eu contasse essas mesmas impressões in loco, junto da tua atenção, que pisasses o chão, que galgasses cada curva do vale, cada trilha marchasses, entre o ar e a vegetação, num transpirar dos seres e pássaros, em seus festejos de vida,

seria completamente diferente ouvir assim emudecidas as visões do dia claro ensolarado.

Certamente aqui tem um azul que aqui é azul.

Queria me sentir animada, a preparar comidas boas em almoços alegres, mas a vida vem me cobrando contas, por hora meus olhos já não dão mais conta de continuar contando coisas para que eu mesma não sinta quão distante estou de ti, mas que em um gesto arabescado mordisco as palavras entre os dentes do pensamento, murmurando como águas que esbarram pedras sovadas da água e que deslizam em verdes limos, proferindo com terno coração: meu coração, minhas palavras e meus pensamentos estão contigo.

Verso inverso do cartão postal

|07 Dezembro 2021 15:13

Que dentro das cores e na ilegibilidade do endereço, borrão do carimbo sobre ranhuras imperceptíveis do selo, nos verídicos versos secretos oclusos que precipitam no rasgo do picote invisível pelo destaque da linha imaginária, entrega o carteiro, sem devolução, palavras das quais, as poucas, há de recordar a Luz. E nos papéis de seda amarrotadas da subcarta,, as rimas erradas no farfalhar de Amor.

Raios da luz dos dedos da estrela

|07 DEZEMBRO 2021 | DEUS CRIADOR

Nem mesmo agora, minhas mãos podem contornar as serifas das letras mágicas que sejam realmente volantes que em suas mãos repousem e que como uma garoa de luz anuncie cada novo dia. O fato é que todos meus dizeres são de coração humano, mas dourados nessa permissão poética de viver. A cada dia endereço meu olhar na absoluta certeza de que um dia lhe verei o rosto e que me responderá então os mistérios de minha vida, a solução desse teorema que não formulo, das contas matemáticas o resultado certo, das coordenadas o traçado exato dessa rota e dos poderes do vento, essa sustentação.

São inúmeras as cores sem batismo, são enormes as fontes sombrias do desconhecido e está em cada canto, em cada encanto, em cada possibilidade e cada pensamento formulado.

A mão que me toca me dizendo 'Estou aqui, não se desespere' no mais profundo silêncio da calma, da alma, e pressentindo isso, seja um mensageiro, seja uma luz branca da paz que desejo, seja um acalento ao peito que não tenho seu merecimento, eu ainda murmuro meus grunhidos no vento, numa busca eterna, sem ter a palavra certa para pedir o perdão e ver a verdadeira cor do jardim perfeito criado.

Enquanto vejo sinto em cada momento que me reergo, o dizer perfeito, na beleza daquilo que se emaranha na natureza e na ferocidade dos oceanos e mesmo assim, nada é diante do céu profundo infinito. Aquele azul em que acredito, nas estrelas como velas do caminho, a trajetória da imensidão infinita na sua perfeição.

Atravesse. Sei que não posso pedir. Toque-me o coração e não sentirei mais essa aflição. Toque com os dedos da luz do Sol, as esperanças que torne meus filhos fortes e tenazes.

Eu servi o que consegui.

Espero sua carta, de papel, papel de seda do céu. Espero a caligrafia que diga: Liberdade. Espero uma frase que me toque em afago. O peito aberto e coração pulsante e me desfaça a orfandade. Espero o verdadeiro dom da felicidade. Que se por um lado, tudo que tentei não teve destinatário, que um dia, seguinte do dia pedinte, do dia minguante, da madrugada prometida e do dia nascente, enfim alguém me responda, me possa acolher nas flores da poesia, me possa acolher como os espinhos que sou, como o amargo que me impregna, mas que mesmo assim ainda se sinta o mel.

Eu espero uma carta, um abraço, uma compreensão, alguém que se orgulhe e que eu sinta que fiz a diferença, até mesmo a gratidão.

Me desculpe mais essa blasfêmia, meus filhos me sorriem, meus irmãos compartilham comigo, e meus pais, irmãos, avós e amigos no seu jardim, é parte da vida, parte da sina.

Só não entendo mesmo, porque esse sino badalando o amor tão grande na solidão e tristeza do meu coração.

Permita-me dizer humilde uma palavra: Perdão.

Fiz o que meu coração me levou, ele era bem fanfarrão.

©MARA ROMARO
2018

Illustratio

Ilustrações de ©Mara Romaro 2020
Todos os direitos são reservados

[Illustratio 0] Capa
[20190730 L009 Melro Violeta MA4 A *]
Melro roxo em aquarela WGN, canson aquarelle.

Ilustrações Capitulares:

[Illustratio 1] - Suzana
[20190411 L009 Suzana Poema MA5 O]
[P IMG_2782] iphone foto
óleo sobre papel retrato infância.

[Illustratio 2] – Suzana segunda ilustração
[20181005 L009 Suzana M A4 E]
[IMG_1569] iphone foto

[Illustratio 3] – A página G
[2016 L009 Giovanna1 M A3]
[DSCN3112] foto Nikon por Mara
Desenho retrato formato A3 em lápis Mondeluz de Giovanna.

[Illustratio 4] – Gesto de amor
[2005 L009 Mão aberta MA5 A]
[IMG_0390] por GiovannaRomaroFotografia
Aquarela Maimeri do gesto de mão aberta, em pequeno formato, desenho de minha palma, efetuado no camping dos Carvalhos em São Lourenço – MG.

[Illustratio 5] Sangre
[20030315 L009 Sangue ao mar MA5 A]

[IMG_0323] foto do iphone
Desenho em ink, ecoline.

Posfácio

|7 dezembro 2021

Quando denominei a pasta para onde remetia dizeres acumulados como se fossem papéis rasgados, naquela época era como se as borboletas se convertessem em páginas, em papéis de cartas coloridos, vorazes, ansiando pela tinta da ponta de uma de minhas canetas. Eu não notei, as tantas poesias sem destinatário sempre para o mesmo, era um dizer incessante ou transbordante daquilo que eu mesma não qualificava ou muito menos quantificava. Havia entre as notas perdidas desse compêndio, que não era para ser apenas uma braçada de flores que desejei dar, mas os rótulos guardados dentro de um frasco, com dizeres dourados a tantos temas, pessoas, entidades, deidades... Não soube o que dizer, apenas evidentemente daquelas palavras que me tomaram nos braços, me secaram as lágrimas dos olhos, abrandaram minhas dúvidas, meus sentimentos, o inesgotável vazio. Não podendo endereçar, nada que escrevi desse tempo pareceu ter tido o envelope rasgado pelo cortador de papel com delicadeza e os óculos dessa leitura. Enfim não passava de uma caixa de guardados, de uma história que não haveria fim e que não podia ainda carregar a fragrância desse amar.

Muito obrigada por ler.

©MARA ROMARO

Todos os Direitos São Reservados

Setembro 2018

Versão para divulgação digital, motivos pessoais. Comemorativo 55 anos.

Revisão

Concluído V0 R04 - 07 dezembro 2021